

As Crônicas da



# Espada

Fritz Leiber

## O Encontro

EDIÇÃO ESPECIAL

*Tradução de Luís Filipe Silva*





## SAÍDA DE EMERGÊNCIA

Para quem quer fugir da rotina

TÍTULO: *O Encontro - Edição Especial*

AUTORIA: *Fritz Leiber*

EDITOR: *Luís Corte Real*

*Esta edição © 2008 Edições Saída de Emergência Lda.*

*Título original Swords and Deviltry © 1970 Fritz Leiber. Publicado originalmente nos EUA por Ace, 1970*

TRADUÇÃO: *Luís Filipe Silva*

REVISÃO: *Jorge Candeias*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *Relgráfica, Benedita*

1ª EDIÇÃO: *Abril, 2008*

ISBN: *978-989-637-025-1*

DEPÓSITO LEGAL: *252 429/07*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA

*Av. da República, 861, Bloco D, 1º Dtº, 2775-274 Parede, Portugal*

TEL E FAX: *214 583 770*

WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM

INTRODUÇÃO DE MICHAEL MOORCOCK  
EXCLUSIVA PARA A EDIÇÃO PORTUGUESA

CELE GOLDSMITH (MAIS TARDE CONHECIDA COMO LALLI) É UMA DAS melhores editoras de fantasia científica e, juntamente com Judith Merrill, madrinha da Nova Vaga da ficção científica norte-americana dos anos 60. Publicou os jovens autores dessa época, na maioria os seus primeiros contos, nas revistas que editava — a venerável *Fantastic Stories* e *Amazing Stories*, duas das mais antigas revistas *pulp* especializadas do género.

Lalli mostrava preferência por aquilo que um dos seus contribuidores baptizara de «Espada e Feitiçaria», pelo que encomendou ao jovem John Jakes que lhe escrevesse uma série de aventuras à moda de Conan, chamado Brak o Barbário. Publicou uma das minhas primeiras fantasias intitulada «Earl Aubec and the Golem», que mudou para «Master of Chaos». Poliu o primeiro conto do Roger Zelazny — e publicou muitos mais. Entre eles estavam Thomas M. Disch, J. G. Ballard e Samuel R. Delany e todos os talentos excitantes que ajudaram a criar aquele movimento de mudança da década de 1960. Também apreciava Philip K. Dick e Keith Laumer, embora eu pense que o seu autor favorito, cujo talento se destacava acima dos seus colegas financeiramente mais bem sucedidos, era Fritz Leiber.

Como muitos de nós, Cele Goldsmith apreciava o manancial de histórias que Leiber (pronunciado, se ainda ninguém o mencionou, na versão alemã original — «Laiber» — Fritz era bastante sensível a este respeito) publicara na clássica revista de John W. Campbell destinada à fantasia, a *Unknown*, muito apreciada por todos. Entre estas estavam

«Adept's Gambit» e outros contos que acabaram por aparecer em 1947 numa edição de reduzida tiragem chamada *Two Sought Adventure*. Aqueles de entre nós com a sorte de possuírem um exemplar guardaram-no em conjunto com as edições raras de Dunsany e Morris. Leiber era tido como um autor de aventura de fantasia literária, um estilista com uma sensibilidade nas palavras igual a Stevenson ou Chesterton, um James Branch Cabell da era moderna (e que alguns consideravam superar).

Nesses tempos o tipo de romance sobrenatural que actualmente domina as listas de vendas não tinha virtualmente nenhum mercado comercial. Leiber não teve mais sucesso com o primeiro livro do Rateiro Cinzento do que eu próprio experimentei com o meu primeiro Elric. Não só as editoras se riam ante a possibilidade de lançar estes livros com tiragens elevadas, como até nós, os autores, nos ríamos. Sabíamos que haveria apenas uma vintena de leitores e escritores espalhados pela Inglaterra e América... pelo que Cele Goldsmith, quando encomendou uma nova série de aventuras do Fafhrd e do Rateiro Cinzento a Fritz Leiber para a *Fantastic*, estava a arriscar enormemente as vendas da revista.

Como Merrill fez com a sua série de antologias *Year's Best SF*, que acabaria por influenciar a opinião do mercado, a Goldsmith cabia a tarefa de estabelecer um clima apropriado para a ficção que mais apreciava. J. R. R. Tolkien não passava então de um académico obscuro que publicara uma trilogia peculiar com um sabor William Morris/Anglo-Saxão e que ainda não se tornara no centro de um culto de certa forma duvidoso. Poucos reconheciam a tradição na qual a sua obra se enquadrava e o público que nos lia não ultrapassava o milhar mundialmente. As obras da maior parte dos nossos antecessores — fossem eles autores comerciais como Howard, Burroughs e Merritt ou os mais literários como Dunsany e Cabell — encontravam-se esgotadas ou eram difíceis de encontrar. Se Goldsmith tivesse trabalhado nos tempos actuais, saberia que estatisticamente não deveria publicar ficção daquela índole e seria compelida por intuição comercial a adquirir histórias semelhantes a todas as outras que já publicava.

Mas, felizmente, Goldsmith era uma editora da velha escola, determinada em seguir as suas preferências e instintos à custa do próprio emprego e das vendas da revista que produzia para a casa de Ziff Davis. Como Merrill, preferia publicar o que fosse bom e quase sempre bizarro ao que era cómodo. E, sem grandes surpresas, as vendas aumentavam...

Se Goldsmith tivesse sido uma editora dos anos 90, no contexto de uma corporação, a maioria das fantásticas histórias do Rateiro e Fafhrd

produzidas por Leiber nunca teriam visto a luz do dia. A moderna fantasia heróica norte-americana deve a sua existência essencialmente aos esforços e entusiasmo de Donald A. Wollheim que, tendo descoberto uma cláusula na lei dos direitos de autor, conseguiu produzir uma edição de grande tiragem, não autorizada, do *Senhor dos Anéis*, e também descobriu que, por mero descuido, *A Princesa de Marte* de Edgar Rice Burroughs caíra no domínio público e também o publicou. Juntos — e depois mais tarde inseridos no programa de Lin Carter de reedições de clássicos para a Ballantine — lançaram o que agora se tornou no género dominante da moderna ficção do fantástico.

Entretanto, os jovens autores a quem Lalli e Merrill tinham oferecido um público, os quais, como todos os jovens, rejeitavam os seus antecessores, concordavam em unísono que dois dos escritores da geração anterior possuíam talento e qualidades literárias merecedores de admiração. Um deles era Philip K. Dick. O outro era Fritz Leiber, cuja prosa inteligente e esperteza urbana continuariam a ultrapassar os nossos talentos em desenvolvimento. Venerávamo-lo. E ainda hoje é assim.

Fritz Leiber Jr, filho do (então) mais famoso Fritz Leiber Sr, tivera o benefício de uma educação tradicional e sólida, um estudo exaustivo dos clássicos, um conhecimento ligeiro de Shakespeare e uma predilecção para a oratória herdada do pai. Fritz Leiber Sr. era um famoso actor de teatro de Shakespeare que aparecia ocasionalmente em filmes, da mesma forma que Alec Guinness surgiu na *Guerra das Estrelas*, para lhes dar um toque de classe. A imagem de Leiber era conhecida das audiências pré-guerra nos filmes mudos e nos sonoros. Quem tenha visto *Captain Blood* lembrar-se-á de Fritz Leiber como o juiz Jeffreys na fabulosa cena de tribunal concebida por Anton Grot, e quem tenha visto *Camille* lembrar-se-á de Fritz Jr como o amigo bem-parecido de Robert Taylor.

Resumindo, embora adorasse as histórias que ia lendo na *Weird Tales*, não se limitava a ficção sobrenatural, pelo que a sua experiência e sensibilidade do mundo era mais vasta, mais sofisticada e variada que a de, digamos, Lovecraft e Clark Ashton Smith, que apreciava. Os dotes literários dele eram no geral melhores que os da maioria dos autores que admirava e, porque lera tão extensivamente e com tanto prazer, as suas ambições e padrões eram no geral mais elevados que os da maior parte dos excelentes escritores que apareciam a seu lado nas páginas da *Unknown*, da *Galaxy* ou da *Fantastic Stories of the Imagination*. Uma vez perguntei-lhe porque escrevia ele para revistas comerciais cujo público, por vezes, não manifestava apreço pelos seus melhores contos. Respondeu-me que no fim dos anos 30 e 40, escritores como ele — e mencionou Robert Bloch e Henry Kuttner entre eles — não tinham mercado algum,

se não se aproveitassem do mercado dos *pulps*. O mercado literário não estava mesmo interessado nas fantasias «surrealistas». Pelo que as adaptaram para o mercado *pulp* e ganharam algum dinheiro enquanto iam ensaiando.

No fim acabava-se, admitiu Fritz, por ganhar um interesse crescente pelo próprio mercado. Fritz, em conjunto com outros escritores excelentes da sua geração, ajudou a criar as convenções literárias que se encontram na ficção científica popular de hoje, desde o *Caminho das Estrelas* a *Blade Runner*.

Tornou-se num lugar-comum entre os admiradores de Leiber dizer que era bom de mais para os mercados onde contribuía, e que se encontrava avançado para a época. De certa forma ambas as afirmações são verdadeiras: os mercados de então eram bem menos sofisticados que os actuais, e muitos dos leitores — a maioria num mercado excepcionalmente reduzido — eram profundamente conservadores, manifestando desagrado por tudo o que não fosse a FC *hard* do tipo que surgia na *As-tounding* (actualmente *Analog*) e encaravam a Espada e Feitiçaria como uma abominação ilógica e intragável. Entre os fãs de horror, se o material contivesse traços de humor era considerado como blasfémia.

A *Unknown*, especializada em fantasia humorística, apresentando os contos de Harold Shea de L. Sprague de Camp e os contos do *Complete Werewolf* de Anthony Boucher, nunca foi um sucesso comercial. Era encarada como se se destinasse a uma pequena elite. A ficção científica de Leiber, como o seu clássico *Gather, Darkness!*, no qual atribuía um raciocínio lógico a algumas das imagens que utilizava na fantasia, era mais bem sucedida. Durante muito tempo escreveu essencialmente FC, a maioria bastante original e importante pela influência que viria a ter, o resto intrigante e confuso para os leitores da época. Não podia evitá-lo. Era inovador, era um autor cheio de ideias que precisava de explorar, em tantas formas quantas conseguisse, e basta um olhar pelos contos para nos apercebermos como era capaz de escrever de diversas formas.

Judith Merrill, grande apoiante do trabalho de Leiber, costumava dizer que levaria ao público cerca de vinte anos para entender o Fritz. Mas estando constantemente duas décadas à frente da época e, diga-se em prol da verdade, mais inclinado a beber os lucros do que a depositá-los numa poupança, Fritz acabou por falecer com a maior parte da sua obra inacessível ao leitor comum.

Nunca esqueci uma viagem particular a Nova Iorque em meados dos anos 60. Quatro de nós vinham da província num carro. Merrill, nascida em Nova Iorque, recusava-se a conduzir dentro da cidade. Eu não tinha carta e Jim Sallis (autor de *Moth* e outros filmes), que nunca con-

duzira antes em Nova Iorque, era o único que podia guiar. Três sentaram-se à frente, enquanto Fritz se deitara no assento traseiro, totalmente embrigado, e recitava *Lepanto* de G. K. Chesterton na sua voz potente, profunda, treinada para os palcos.

De súbito Jim, que não dormia há dias, parou o carro no meio da rua e anunciou que se recusava a conduzir mais um milímetro. Estávamos a meio da Sexta Avenida às quatro da tarde de um dia útil de Agosto, e o trânsito à nossa volta era caótico. Rapidamente (e com razão) nos tornámos no principal alvo das buzínadelas. Uma vez que Judy insistia, Fritz foi obrigado a voltar à terra e a sentar-se ao volante. Sem se atrapalhar num único verso, Fritz ligou o carro e levou-nos graciosamente até ao nosso destino (crianças, não tentem isto em casa). Até se estragar, tive uma cassette do *Lepanto* que Fritz me gravara como recordação dessa viagem. Tinha uma alma generosa e extravagante, e o seu gosto pela vida transparece neste tipo de histórias.

Entre outros, Fritz deu a conhecer a forma como surgiram as figuras do pequeno Rateiro e do possante Fafhrd — um pouco como actualmente há quem crie figuras dos *role-playing games* para seu bel-prazer —, inspirando-se em si mesmo e no amigo Harry Otto Fischer. Estes contos não foram escritos com o objectivo de ganhar dinheiro. Na verdade, tal como eu próprio com o meu Elric, nos anos 60, Fritz fazia-os por gosto, pelo prazer da narrativa, pela companhia daqueles personagens e do fabuloso e criativo mundo de Nehwon.

O entusiasmo de Cele Goldsmith encorajou Fritz a escrever as histórias para a revista que ela dirigia, mas ele nunca pensou que as publicaria em forma de livro. E foi então que Donald A. Wollheim, esse catalista extraordinário e incansável, lhe pediu para as transformar na série de romances que hoje conhecemos. O género da fantasia tem uma grande dívida para com estes dois editores. Talvez por terem muito currículo no mercado *pulp*, nunca lhes foi dado o mérito devido, como ao próprio Fritz — autor de muitos conceitos que iluminaram o caminho do género e alguns dos melhores exemplos de que há memória — não lhe é ainda hoje reconhecido o devido mérito pela sua enorme contribuição à fantasia. A publicação deste volume deverá ajudar a esclarecer os leitores de fantasia que foi tudo possível graças àquele que é, na minha opinião, ainda o grande Mestre.

*Michael Moorcock*  
*Lost Pines, Texas*





# Índice

- I: APRESENTAÇÃO PÁG. 15  
Sobre um outro mundo e sobre o encontro do estranho com o estranho e a descoberta da fraternidade
- II: AS MULHERES DA NEVE PÁG. 17  
Sobre a gélida magia das mulheres e sobre a guerra fria entre os sexos, despoletando a destreza de um jovem desenhado, a quem três mulheres cercavam, juntamente com ditames pertinentes sobre o amor paternal, a bravura dos actores e a coragem dos tolos
- III: O GRAAL PROFANO PÁG. 83  
Um discurso ficcionado sobre as relações de um feiticeiro com acólitos de ambos os sexos, acompanhado de observações sobre o uso do ódio como força motriz, e contendo a verdadeira história de como Rato se tornou no Rateiro Cinzento
- IV: DESENCONTRO EM LANKHMAR PÁG. 107  
O segundo e decisivo encontro de Fafhrd e o Rateiro Cinzento, cuja narrativa é envolta no interminável nevoeiro da noite e do

crime organizado, sobre a bebedeira e vaidade dos homens e mulheres apaixonados, e sobre os mui variados horrores e fascínios da Cidade das Sete Mil Chaminés

BÓNUS

PÁG. 169

Pré-publicação de parte do conto *Sombras ao Luar* de Robert E. Howard, uma das histórias escolhidas para *O Demónio de Ferro*, a segunda antologia de Conan, o cimério. Mais informações em: [www.saidadeemergencia.com](http://www.saidadeemergencia.com)



# Apresentação

SEPARADO DO NOSSO MUNDO PELAS CORRENTES DO TEMPO E SONHOS de dimensões bizarras, situa-se o mundo lendário de Nehwon e as suas torres, caveiras e jóias, as suas espadas e feitiçarias. Os reinos civilizados de Nehwon cobrem a orla do Mar Interior: a norte, a agreste Terra das Oito Cidades, das florestas verdes, a leste os cavaleiros mingol das estepes e o deserto por onde se aventuram as caravanas provenientes das abastadas Terras do Levante e do Rio Tilth. Mas para sul, adjacentes ao deserto por meio das Terras Afundadas e limitados pela Grande Barragem e pela Montanha da Privação, encontram-se os férteis campos de trigo e as cidades amuralhadas de Lankhmar, as mais antigas e imponentes de todo o Nehwon. Dominando a Terra de Lankhmar e protegida pela foz lodosa do rio Hlal num canto ladeado pelos campos de trigo, o Grande Pântano Salgado, e o Mar Interior, queda-se a metrópole das muralhas gigantes e dos mil becos, Lankhmar, abundante em ladrões e sacerdotes argutos, mágicos de compleição esquálida e mercadores de barrigas gordas — Lankhmar, a Impenetrável, a Cidade da Toga Negra.

Foi em Lankhmar, numa noite tenebrosa, se depositarmos fé nos tomos rúnicos de Sheelba da Face Sem Olhos, que se conheceram pela primeira vez aqueles heróis de dúbia fama, aqueles patifes encantadores, Fafhrd e o Rateiro Cinzento. As origens de Fafhrd percebiam--se facilmente, pois tinha sete pés de altura e uma agilidade desenvolta, ornamentos de artesão e o enorme espadachim: era sem dúvida um bárbaro proveniente do Deserto Gelado que ficava a norte, para lá das Oito

Cidades e das Montanhas da Passagem dos Duendes. Os antecedentes de Rateiro eram mais misteriosos e difíceis de ler na sua estatura infantil, vestes cinzentas e capuz de pele de rato que lhe ocultava o rosto trigueiro e achatado, e florete enganadoramente delicado; mas havia nele, algures, a sugestão de cidades e de lugares a sul, das ruas escuras mas também dos espaços banhados pelo sol. À medida que o duo se media um ao outro de forma desafiadora, no nevoeiro tenebroso apenas cortado pela luz indirecta de tochas distantes, estavam já conscientes, um pouco, de que eram dois fragmentos de um herói maior, dois pedaços há muito afastados que se complementavam, e que cada um acabara de descobrir um companheiro de mil jornadas e uma vida inteira — ou centenas de vidas — de aventuras.

Ninguém teria, naquele momento, adivinhado que outrora o Rateiro Cinzento fora simplesmente conhecido como Rato, ou que Fafhrd deixara, pouco antes, de ser um jovem cuja voz era por treino de timbre agudo, que usava apenas peles brancas, e que aos dezoito anos de idade ainda dormia na tenda da mãe.

## II

# As Mulheres da Neve

NO CANTO GÉLIDO, NOS IDOS DO INVERNO, AS MULHERES DO CLÃ DA Neve conduziam uma guerra fria contra os homens. Como fantasmas, deambulavam cobertas de peles brancas, quase invisíveis contra a neve acabada de cair, em bandos silenciosos ou soltando silvos agudos, quais sombras zangadas. Evitavam o Salão de Deus onde árvores serviam de pilares, as paredes eram feitas de couro entrelaçado, e o tecto altivo resultava dos ramos entrelaçados dos pinheiros.

Reuniam-se na vasta e oval Tenda das Mulheres que se situava defronte das tendas caseiras, mais pequenas, numa atitude protectora, e nela conduziam sessões de cânticos e gemidos e várias práticas silenciosas com o propósito de criar encantamentos poderosos que prendessem os tornozelos dos homens à cercania do Canto Gélido, que lhes atassem as virilhas e lhes provocassem resfriados de nariz a pingar, mantendo em reserva a ameaça da Grande Tosse e Febre de Inverno. O homem que fosse tolo em andar sozinho durante o dia arriscava-se a ser cercado e acometido por bolas de neve e, se apanhado, a ser espancado — fosse um bardo ou um poderoso caçador.

E levar com bolas de neve atiradas pelas mulheres do Clã da Neve não era brincadeira. É verdade que apenas utilizavam os braços no arremesso, mas eram braços cujos músculos se tinham desenvolvido pelo rachar da lenha, pelo saltar das ramagens mais altas, e pelo bater das peles, incluindo as do beemote das neves, que eram duras como ferro. E por vezes as bolas de neve partiam já congeladas.

Os homens com experiência do Inverno aceitavam esta condição com dignidade, passeando-se como se fossem realeza nas suas peles de cerimónia, negras ou ruivas ou das cores do arco-íris, embebedando-se à fartazana mas às escondidas, e negociando, com tanta habilidade como se fossem ilthmartianos, a sua mão-cheia de âmbar e âmbar-gris, diamantes-de-neve visíveis apenas à noite, peles de animal, e as ervas do frio, em troca de tecidos e especiarias quentes, ferro azul e castanho, mel, velas de cera, pólvoras de fogo que ardiavam com um barulho colorido, e outros produtos da civilização setentrional. Mesmo assim, faziam questão em andar em bandos, e havia sempre um deles cujo nariz pingava.

As mulheres não se opunham ao comércio. Os homens eram exímios nessa arte e elas próprias acabavam por ser as principais beneficiárias. Era preferível aos actos ocasionais de pirataria dos maridos, que os arrastavam para as longínquas margens a leste do Mar Exterior, fora de alcance da supervisão matriarcal imediata e mesmo, como por vezes as mulheres temiam, da sua potente magia feminina. O Canto Gélido era o ponto mais a sul atingido pelo Clã da Neve, cujos membros passavam a maior parte das vidas no Deserto Gelado e no sopé das Montanhas dos Gigantes cujos cumes se erguiam para lá do alcance da vista, e dos Ossos dos Anciões mais a norte, pelo que este acampamento a meio do Inverno era a única hipótese que tinham, durante o ano, de trocar mercadorias com aventureiros mingois, sarheenmartianos, lankhmartianos e até o ocasional homem-do-deserto de Oriente, coberto de turbantes, protegido até aos olhos, e elefantinamente calçado e enluvado.

Nem sequer era o beberete a que as mulheres se opunham. Os maridos eram grandes beberrões de hidromel e cerveja sempre que a ocasião se apresentava, e até marchava o brande feito de batatas-de-neve brancas da região, bebida mais encorpada que a maioria dos vinhos e licores que os comerciantes dispensavam com esperança.

Não, o que as Mulheres de Neve odiavam com fervor e que todos os anos as obrigava a encetar guerras frias praticamente sem o recurso a armas materiais ou mágicas, era o espectáculo teatral que viajava para norte, a tiritar de frio, acompanhando os comerciantes, os ousados actores de faces gretadas e pernas queimadas do gelo, mas de corações palpitantes pela doçura do ouro do norte e pelas audiências clamorosas — um espectáculo tão blasfemo e obsceno que os homens reservavam o Salão de Deus (pois Deus não se chocava com nada) e impediam as mulheres e os jovens de assistir; um espectáculo cujos actores, de acordo com as mulheres, não passavam de velhos devassos e raparigas do sul, franzinas e ainda mais devassas que os homens, de moralidade solta como eram soltas as vestimentas que traziam, isto é, quando se apresentavam vestidas.

Não ocorria às Mulheres de Neve que a nudez de uma garota esquelética, exposta às árduas correntes de ar do Salão de Deus, se tornava em pele-de-galinha azulada, o que por si só não constituía um objecto sexualmente apelativo, para além de se arriscar a uma queimadura pelo frio em todo o corpo.

Pelo que as Mulheres de Neve lançavam figas e magias e assaltos e ataques com as duras bolas de neve, todos os Invernos, aos homens que ostentavam contentamento, apanhando com alguma frequência algum marido velho ou aleijado, ou jovem e podre de bêbado, a quem se deliciavam dar porrada.

Havia algo sinistro neste combate aparentemente cómico. Quando trabalhavam em equipa, as Mulheres de Neve tinham reputação de serem capazes de tecer magias potentes, em particular recorrendo aos elementos do frio e respectivas consequências: pelo escorregar, pelo congelar súbito da pele, fazer a carne colar-se ao metal, usando a fragilidade dos objectos, a força ameaçadora da neve sustida nas ramagens altas das árvores, e a potência avassaladora de uma avalanche. E não havia homem que não tivesse um pouco de medo do poder hipnótico daqueles olhos azuis como gelo.

Cada uma das Mulheres de Neve, geralmente apoiadas pelas outras, esforçava-se por controlar totalmente o seu homem, embora fizesse parecer que ele era livre, e diziam os rumores que era hábito os maridos mais difíceis sofrerem acidentes, alguns fatais, por instrumentos relacionados com o frio. Ao mesmo tempo, umas videntes ocultistas e feiticeiras solitárias atacavam-se umas às outras num jogo de poder que tornava mesmo os homens mais aventureiros e ousados, líderes ou sacerdotes, em meros peões.

Durante a quinzena de comércio e os dois dias que durava o espectáculo, havia velhas e até raparigas de portento a guardar a Tenda das Mulheres a toda a volta, enquanto que emanavam de dentro fortes perfumes, odores, clarões e brilhos intermitentes durante a noite, tropeções e batidas, estalidos e coisas partidas, e lengalengas encantatórias e um burburinho que nunca chegava a calar-se.

Nesta manhã poder-se-ia crer que os feitiços das Mulheres de Neve estavam a resultar por toda a parte, pois não havia vento mas o céu continuava carregado, e notava-se a ameaça de nevoeiro no ar frio e húmido que levava à formação directa de cristais de gelo em todas as ramagens e arbustos, em cada espeto e ponta de qualquer natureza, mesmo na orla dos bigodes dos homens e nas orelhas agudas dos lince amansados. Os cristais eram tão azuis e brilhantes como os olhos das Mulheres de Neve, e alguns até cresciam direitos, quais chamas feitas de diamante,

conseguindo imitar, se olhados com um espírito imaginativo, a forma al-tiva, encapuçada e branca daquelas figuras no seus mantos.

E nesta manhã as Mulheres de Neve tinham apanhado, ou melhor, tinham grandes hipóteses de cercar uma vítima improvável escolhida à sorte. Pois uma das raparigas do Espectáculo, por ignorância ou louca ousadia, ou talvez tentada pela transparência de diamante da atmosfera, afastara-se da segurança das tendas dos actores e para longe do Salão de Deus, e aventurara-se ao longo da falésia para longe dos dois sotos de sempre-verdes que rasgavam os céus, as ramagens cobertas de branco, em direcção à ponte rochosa e que a neve também tapava, que outrora marcara o começo da Estrada Velha para Gnampf Nar, mais a sul, mas que saiu de uso depois da secção central, uma fractura com o comprimento de cinco homens, ter tombado há mais de três dúzias de anos.

A um passinho de distância da falésia perigosa, fizera uma pausa para admirar lentamente as fiadas de neblina suspensas sobre o horizonte a sul, que lembravam botões crescidos de algodão. Lá em baixo, na curvatura ascendente da falésia, os pinheiros cheios de neve que tapavam o chão do Desfiladeiro da Passagem dos Duendes pareciam tão pequenos como as tendas brancas de um exército de Gnomos de Gelo. Acompanhou lentamente com o olhar o traço do desfiladeiro, do distante início a leste até junto dela, onde estreitava, para depois voltar a alargar-se na curvatura para sul; finalmente o contraforte diante de si, que apresentava ainda o dedo esticado da antiga ponte de pedra, tapava-lhe a visão da continuidade do abismo. O olhar dela voltou então a seguir a Estrada Nova desde o ponto em que iniciava a descida, por detrás das tendas dos actores, ao longo da parede do desfiladeiro até, após bastantes reviravoltas e curvaturas para dentro e fora da garganta — ao contrário da descida mais directa da Estrada Velha —, mergulhar na neblina dos pinheiros do solo e os acompanhar na direcção setentrional.

Pela sua aparência constantemente carente, pensar-se-ia que a actriz não passava de uma criada tola com saudades de casa, arrependida da jornada para estas terras do norte tão frias, e desejando um beco de actores qualquer, quente e cheio de pulgas, além da Terra das Oito Cidades e do Mar Interior — mas havia confiança calada nos movimentos, orgulho na postura dos ombros, e perigo na escolha do local de onde observava a região. Não só era aquele local arriscado em termos físicos como estava a meia distância entre a Tenda das Mulheres de Neve e o Salão de Deus, e as gentes do clã consideravam-no tabu depois de um chefe e suas crianças terem encontrado a morte quando a secção central de pedra se abatera há mais de três dúzias de anos, e porque o suporte de madeira substituto cedera ante o peso do carro de um mercador de brande duas dúzias de

anos mais tarde. Brande do mais forte, só por si uma perda suficiente para justificar o mais implacável dos tabus, incluindo aquele que impedia a reconstrução da ponte.

E mesmo se as tragédias não fossem suficientes para encher a barriga dos deuses ciumentos e tornar absolutos os tabus, há apenas dois anos o mais habilidoso esquiador que o Clã da Neve vira há décadas, de nome Skif, cheio de bebida e orgulho nas veias, tinha pensado saltar por cima do abismo a partir do Canto Gelado. Ajudado na partida e ganhando velocidade furiosamente com os bastões, saltara no ar como um falcão, falhando contudo o outro lado pela distância de um braço; os esquis embateram na rocha, e acabou esmagado nas profundezas do desfiladeiro.

A atriz entretida usava um casaco comprido de pele de raposa amarelo, e à cintura uma corrente leve, revestida a ouro. Cristais de gelo tinham-se formado no cabelo escuro, penteado alto.

A estreiteza do casaco sugeria uma figura esquelética, ou pelo menos suficientemente magra e musculada para satisfazer a ideia que as Mulheres de Neve tinham das atrizes, mas de altura média quase dois metros — muito diferente do que devia ser uma atriz e sem dúvida uma afronta adicional às altas Mulheres de Neve que se acercavam dela pelas costas, um bando silencioso e branco.

Uma bota de pele branca e descuidada fez-se ouvir na neve solta.

A atriz deu meia-volta e sem hesitações fugiu a correr pelo caminho pelo qual tinha vindo. Os três primeiros passos quebraram a superfície do gelo, o que lhe retardou o avanço, mas rapidamente percebeu o truque de correr deslizando sobre a crosta dura.

Puxou para cima o casaco. Tinha botas de pele preta e meias de cor escarlate-viva.

As Mulheres de Neve apressaram-se atrás dela, lançando as bolas de neve consistente.

Uma atingiu-a com força no ombro. Cometeu o erro de olhar para trás.

Por azar, duas das bolas de neve atingiram-na no maxilar e na testa, sob o lábio pintado e por cima da sobrancelha arqueada.

Rodou, virando-se por completo, e outra bola, atirada com a força de uma pedra numa fissa, atingiu-a no externo, fazendo-a curvar-se e retirando-lhe o ar dos pulmões num *uuchhh* audível.

Caiu por terra. As mulheres brancas avançaram, os olhos azuis a brilhar.

Um homem de bigode negro e farto e constituição magra, envergando um casaco pardacento e acolchoado, e um turbante pequeno e ne-

gro, que espreitava a cena a partir de um dos pilares de cortiça cristalizada do Salão dos Deuses, avançou a correr para a mulher tombada. Os passos enterravam-se na crosta, mas as pernas possantes compensavam-no.

Deteve-se então com espanto, pois acabara de ser ultrapassado, quase como se estivesse parado, por uma figura esguia e alta, de cor branca, correndo com tamanha facilidade que era como se deslizesse sobre esquis. Por instantes, julgou tratar-se de outra Mulher de Neve, mas depois notou que vestia uma jaqueta curta de pele e não uma túnica longa — pelo que se trataria de um Homem de Neve ou um Jovem de Neve, embora o homem não se lembrasse de ter visto um macho do Clã da Neve vestir a cor branca.

A figura estranha e lesta corria/deslizava, queixo enfiado para baixo, olhos afastados das Mulheres de Neve, como se temesse o feroz olhar celeste. Ao ajoelhar-se junto da actriz caída, cabelo comprido de cor louro-escarlate soltou-se do capuz. Por causa deste facto e da magreza da figura, o homem do turbante experimentou um instante de medo ao pensar que o recém-chegado fosse afinal uma Rapariga da Neve muito alta, desejosa de ser a primeira a golpear directamente a vítima.

Mas logo notou o queixo masculino que sobressaía do cabelo áureo e carmim, bem como o par de pulseiras maciças próprias de quem embarcava em actos de pirataria. De seguida, o jovem pegou na actriz e deslizou/correu para longe das Mulheres da Neve, que da vítima mais não viram que as pernas de meias vermelhas. Uma chuva de bolas de neve atingiu o salvador nas costas. Fê-lo tropeçar um pouco, mas retomou rapidamente o caminho, continuando de cabeça baixa.

A mais encorpada das Mulheres da Neve, que apresentava porte de rainha e um rosto que, embora gasto e não obstante as madeixas grisalhas de ambos os lados, era ainda bonito, parou de correr e bramiu numa voz profunda:

— Volta, filho! Estás a ouvir-me, Fafhrd, volta para aqui!

O jovem assentiu ligeiramente com a cabeça agachada, não parando de fugir. Sem se voltar, respondeu numa voz algo aguda:

— Voltarei, Mor, reverenda mãe... mais daqui a pouco.

As restantes mulheres apoiaram-se no grito de «volta para trás!». Algumas juntavam-lhe epítetos como «Juventude devassa!», «Chaga da tua boa mãe Mor!» e «Amante de putas!».

Mor calou-as com gesto brusco e largo, palmas viradas para baixo.

— Aguardaremos aqui — pronunciou-se com autoridade.

O homem do turbante negro deteve-se por uns instantes, e depois seguiu no encalço do par que se desvanecera, mantendo o olhar cansado

nas Mulheres de Neve. Não era suposto que atacassem mercadores, mas da parte de bárbaros, fossem homens fossem mulheres, nunca se estava seguro.

Fafhrd chegou à zona das tendas dos actores, dispostas em círculo sobre um montado de neve no altar do Salão de Deus. A tenda mais afastada do precipício era a do Mestre do Espectáculo. A meio caminho ficava a tenda comum dos actores, de forma alongada, que fazia lembrar um peixe, um terço reservada às mulheres, o resto aos homens. A mais próxima do Desfiladeiro da Passagem dos Duendes era uma tenda de tamanho mediano, semicilíndrica, sustentada por semi-aros. A atravessá-la a meio, um plátano sempre-verde ostentava um potente ramo, suportado por dois de menor dimensão no lado oposto, coberto de cristais. Na fachada semicircular desta tenda via-se o corte da entrada no tecido, que Fafhrd teve dificuldade em abrir, pois segurava a figura ainda inerte.

Um velhote pequenino de barriga trémula acercou-se deles com aparente jovialidade no andar. Envergava roupagens finas com toques de dourado. Mesmo a barba e barbicha longas e de cor grisalha rebrilhavam com pó de ouro por cima e por baixo da boca cheia de dentes imundos. Apresentava olheiras carregadas, mas a vermelhidão irritada não disfarçava o olhar escuro e penetrante. Sobre os olhos pousava um turbante púrpura que por sua vez sustentava uma coroa dourada debruada com pedras de cristal rochoso, pálidas imitações de diamantes.

Na sua esteira surgiu um mingol magricela e maneta, um gordo ocidental com uma barba grande e que cheirava a queimada, e duas rapariguitas esquálidas que se mostravam atentas e evasivas como gatas, embora bocejassem com frequência, enroscadas em pesadas mantas.

— O que se passa aqui? — perguntou o chefe, os olhos atentos lendo cada detalhe de Fafhrd e do seu fardo. — Vlana foi morta? Pois então, violada e morta? Fica a saber, meu jovem assassino, que pagarás caro pela tua diversão. Podes não saber quem sou, mas já ficarás a saber. Vou pedir compensações aos teus chefes, pois sim! Grandes compensações! Tenho influência, pois tenho. Ficarás sem essas pulseiras de pirata e o colar de prata que trazes dependurado ao pescoço. A tua família ficará despojada, e todos os que te são próximos. E aquilo que *eles te farão*...

— És Essedinex, Mestre do Espectáculo — interrompeu Fafhrd, dogmático, a voz de tenor cortando o tom de barítono do outro, rouco como um trombone. — Sou Fafhrd, filho de Mor e Nalgron, o Desfaz-Lendas. Vlana, a dançarina, não foi nem morta nem violada, mas desmaiou à conta de bolas de neve. A tenda dela é esta. Abri-a.

— Tomamos nós conta dela, bárbaro — afirmou Essedinex, embora com mais calma, em parte surpreendido e em parte intimidado pela

precisão, quase pedântica, daquele jovem sobre o que era o quê, e quem era quem. — Entregai-a. Em seguida, parti.

— Quem a pouso sou eu — insistiu Fafhrd. — Abri a tenda!

Essedinex encolheu os ombros e fez um gesto ao mingol, que, arregaçando os lábios num jeito sardónico, utilizou a única mão e ombro que tinha para desatar e afastar o pano da entrada. Cheirava a sândalo e cânfora. Fafhrd curvou-se para poder entrar. A meio da tenda apercebeu-se de uma plataforma de peles e de uma mesa baixa onde se situava um espelho prateado encostado a frascos e garrafas. Ao fundo estava uma fileira de fatos.

Contornando um braseiro que soltava fiapos de fumo pálido, Fafhrd ajoelhou-se com cuidado e depositou o fardo na plataforma. De seguida tomou o pulso de Vlana, levantou uma pálpebra e depois a outra e perscrutou cada um dos olhos, explorando delicadamente com as pontas dos dedos os altos que se iam formando no maxilar e na testa. Apertou-lhe o lóbulo da orelha mas, vendo que não tinha reacção, abanou a cabeça e, afastando-lhe a túnica, começou a desabotoar o vestido vermelho que estava por baixo.

Essedinex, que, juntamente com os restantes, observava o procedimento com uma expressão perplexa, berrou:

— Vejam só isto... Pára já, lascivo!

— Silêncio — comandou Fafhrd, e continuou a desabotoar.

As duas moças enroscadas nas mantas soltaram risinhos, depois taparam a boca com as mãos, lançando olhares divertidos a Essedinex e aos restantes.

Afastando o cabelo comprido do ouvido direito, Fafhrd pousou esse lado da cara entre os seios de Vlana, pequenos como meias romãs, os mamilos da cor de bronze com tons de rosa. Manteve uma expressão neutra. Essedinex limpou a garganta, de forma estranha, preparando-se para um longo discurso.

Fafhrd sentou-se, explicando:

— Depressa os sentidos lhe irão voltar. Deveriam tapar as feridas com ligaduras de neve, e renová-las quando comecem a derreter. Agora peço-vos um copo do vosso melhor brande.

— O meu melhor brande!... — Essedinex bramiu de ultraje. — Isto já foi longe de mais. Primeiro arranjás o teu próprio espectáculo de *strip tease*, depois queres uma bebida forte! Jovem presunçoso, desaparece já da minha vista!

— Estou apenas à procura... — começou Fafhrd com um tom de voz límpido e ligeiramente ameaçador.

A paciente interrompeu a disputa ao abrir os olhos, abanar a ca-

beça, pestanejar e sentar-se de forma determinada... após o que ficou pálida e o olhar lhe tombou. Fafhrd ajudou-a a deitar-se outra vez e dispôs-lhe almofadas debaixo dos pés. Olhou-a bem no rosto. Os olhos dela continuavam abertos e devolvia-lhe o olhar com curiosidade.

Ele viu um rosto pequeno e de bochechas abatidas, que já não mostrava uma juventude de rapariga, mas que continha uma beleza felina compacta, apesar dos inchaços. Os seus olhos, grandes por natureza, de íris castanha e pestanas longas, deviam derreter-se, mas não o faziam. Havia nela o olhar próprio dos solitários, e determinação, e um avaliar cuidadoso do que observava.

Ela observava um rapaz de dezoito Invernos, bem-parecido e de figura proporcionada, de cabeça larga e queixo afilado, como se ainda não tivesse parado de crescer. Cabelo muito fino da cor do fogo caía-lhe pelas bochechas. Tinha os olhos verdes, misteriosos, e tão atentos como os de um gato. Lábios expansivos, mas ligeiramente comprimidos, como se fossem uma porta que mantinha as palavras fechadas no interior e apenas as deixasse sair ante o comando dos olhos misteriosos.

Uma das raparigas tinha enchido parte de um copo com brande de uma garrafa que havia na mesa baixa. Fafhrd aceitou-o e ergueu a cabeça de Vlana para que conseguisse bebê-lo em pequenos goles. A outra rapariga tinha ido buscar pó de neve embrulhado em panos de lã. Ajoelhando-se no outro lado do leito, atou-os sobre as feridas.

Após perguntar o nome a Fafhrd, e confirmando que a tinha salvo das Mulheres de Neve, Vlana quis saber:

— Porque é que a tua voz é tão aguda?

— Estudo com um bardo cantor — respondeu. — Usam esse tipo de voz e são bardos genuínos, não daqueles que gritam e falam em tons graves.

— Que recompensa pensas receber por me teres salvo? — perguntou ela de chofre.

— Nenhuma.

As raparigas soltaram mais risinhos, rapidamente cortados pelo olhar de Vlana.

Fafhrd acrescentou:

— Era minha obrigação pessoal salvar-te, pois a chefe das Mulheres da Neve é minha mãe. Devo respeitar os desejos dela mas também devo precaver que tome atitudes incorrectas.

— Oh. Porque ages como um sacerdote ou um curandeiro? — continuou Vlana. — Esse é um dos desejos da tua mãe? — Não se incomodara a cobrir os seios, mas Fafhrd não reparava neles, agora, apenas nos lábios e olhos da actriz.

— A cura faz parte da arte do bardo cantor — respondeu. — Quanto à minha mãe, presto-lhe vassalagem, nada mais e nada menos.

— Vlana, não é bom que fales assim com este jovem — interpôs Essedinex, assumindo um tom nervoso. — Ele tem de...

— Cala-te! — retorquiu ela. Dirigindo-se a Fafhrd: — Porque vestes branco?

— É a cor designada do Povo da Neve. Não aderi ao novo costume de peles escuras e tingidas para os homens. O meu pai sempre usou branco.

— Já morreu?

— Sim. Enquanto escalava uma montanha tabu que se chama Presa Branca.

— E a tua mãe deseja que uses branco, como se fosses a reencarnação do teu pai?

Fafhrd não respondeu nem mostrou reacção à pergunta inteligente. Apenas perguntou de volta:

— Quantas línguas falas... além de lankhmarês crioulo?

Ela deixou-se sorrir, por fim.

— Mas que raio de pergunta! Pois, olha, falo... não muito bem... mingol, kvarquisto, lankhmarês superior e inferior, quarimaliano, ghoulês antigo, ladainha do deserto, e três línguas orientais.

— Fantástico — assentiu ele.

— Porquê?

— Porque significa que tens um grau de civilização muito elevado.

— E que há assim de tão bom nisso? — ela soltou um riso amargo.

— Devas saber, sendo uma dançarina de culturas. De qualquer forma, a civilização interessa-me.

— Aproxima-se alguém — sibilou Essedinex, à porta. — Vlana, o jovem tem de...

— Não tem nada!

— Por acaso tenho mesmo de sair — disse Fafhrd, levantando-se. — Mantém as ligaduras de neve renovadas — instruiu-a. — Descansa até amanhecer. Depois mais brande com sopa bem quente.

— Porque é que tens de sair? — perguntou Vlana, apoiando-se num cotovelo.

— Porque prometi à minha mãe — disse ele sem olhar para trás.

— A tua mãe!

Já perto da porta, parou para a encarar.

— Tenho bastantes deveres para com a minha mãe — disse. — Por ora, não tenho nenhum para contigo, ainda.

— Vlana, ele *tem* de ir. Vem aí o *tal* — sussurrou Essedinex com voz pesada, como se em palco. Entretanto, tratava de enxotar Fafhrd, mas apesar da figura esguia do rapaz, era como se tentasse puxar uma árvore pelas raízes.

— Receias quem se aproxima? — Vlana acabava de abotoar o vestido.

Fafhrd encarou-a pensativamente. Depois, sem responder de forma alguma à pergunta dela, passou pela entrada baixa e ficou à espera do homem que, surgindo da neblina, mostrava uma raiva crescente no rosto.

Um homem quase tão alto quanto Fafhrd, vez e meia mais robusto, e com o dobro da idade. Trazia vestida uma pele de foca castanha e prata cravejada de ametistas, com exceção de duas pesadas braceletes de ouro nos pulsos e uma corrente de ouro pendurada no pescoço, evidências de um chefe de piratas.

Fafhrd sentiu a mordida do medo, não do homem que se aproximava, mas dos cristais de gelo que pesavam mais nas tendas do que se recordava ter visto quando trouxera a rapariga. O elemento sobre o qual Mor e as irmãs tinham um maior poder era o frio — fosse na sopa ou nas virilhas de um homem, ou na sua espada ou na corda de escalar, fazendo-as em estilhaços. Perguntava-se por vezes se não teria sido a magia de Mor que tinha tornado o coração dele tão gelado. Gelo este que envolveria a dançarina. Devia avisá-la, só que ela era civilizada e rir-se-ia na cara dele.

O homenzarrão surgiu.

— Honorável Hringorl — cumprimentou Fafhrd com delicadeza.

À laia de resposta, o homenzarrão lançou um golpe de mão fechada a Fafhrd com o braço mais próximo.

Fafhrd baixou-se agilmente, deslizando ante o choque, e limitou-se a voltar pelo caminho que tinha tomado.

Hringorl, ofegante, apreciou-o durante alguns batimentos de coração, e lançou-se para dentro da tenda semicircular.

Hringorl era, sem dúvida, o homem mais poderoso do Clã das Neves, reflectiu Fafhrd, embora não um dos líderes pela maneira bruta e desrespeito dos costumes. As Mulheres de Neve odiavam-no, mas não conseguiam ter mão nele, pois a mãe morrera-lhe e nunca tinha tomado nenhuma delas por esposa, encontrando satisfação em concubinas que trazia consigo das piratarias.

Do lugar incógnito de onde espreitara a cena, o homem do turbante e barba negras abordou Fafhrd silenciosamente.

— Bem jogado, caro amigo. E também quando trouxe a dançarina.

Fafhrd comentou impassível.

— Você é Vellix o Aventureiro.

O outro assentiu.

— Trazendo brande de Klelg Nar para este mercado. Quer provar do melhor comigo?

Disse Fafhrd:

— Lamento, mas tenho um encontro marcado com a minha mãe.

— Fica para outra ocasião — respondeu habilmente Vellix.

— Fafhrd!

Era Hringorl quem tinha chamado. A voz já não parecia zangada. Fafhrd virou-se. Hringorl manteve-se junto da tenda, mas acercou-se dele quando percebeu que não se iria mexer dali. Entretanto, Vellix desvanecera-se do local com uma suavidade que rivalizava a sua forma de falar.

— Estou desolado, Fafhrd — disse Hringorl, com rispidez. — Não fazia ideia que tinhas salvo a vida à dançarina. Prestaste-me um grande serviço. Toma. — Tirou do braço uma das maciças braceletes de ouro e estendeu-lha.

Fafhrd não se mexeu.

— Não foi serviço algum. Apenas salvei a minha mãe de cometer um acto errado.

— Navegaste sob o meu comando — rugiu bruscamente Hringorl, cujas faces coravam fortemente, embora ainda mostrasse um sorriso, ou fizesse um esforço. — Pelo que aceitarás a minha oferenda como aceitaste as minhas ordens. — Agarrou-lhe numa das mãos, depositou o toro pesado na palma aberta, fechou os dedos inertes de Fafhrd em redor do objecto, e deu um passo para trás.

Num instante Fafhrd estava de joelho no chão, a explicar:

— Desculpai-me mas não posso aceitar o que não mereci ganhar. E agora preciso de manter o encontro prometido à minha mãe. — Ergueu-se rapidamente, virou-se e foi-se embora. Atrás dele, ficou, na neve, a brilhar, o bracelete dourado.

Ouviu-o praguejar baixinho, mas não se voltou para ver se Hringorl tinha apanhado ou não a dádiva rejeitada, embora lhe tenha sido difícil evitar uma incerteza no andar ou uma postura direita, não fosse o homem decidir atirar o bracelete pesado contra a sua nuca.

Em breve se acercou do lugar em que a mãe se sentava, rodeada por sete Mulheres da Neve, fazendo um grupo de oito. Ergueram-se. Deiteve-se a uma jarda de distância. Inclinando a cabeça e olhando para o lado, anunciou:

— Eis-me, Mor.

— Demoraste um bocado — disse ela. — Demoraste muito. — Seis das cabeças que a rodeavam assentiram pesarosamente. Apenas Fafhrd reparou, pelo canto do olho, que a sétima Mulher da Neve, a mais magricela, se afastava silenciosamente.

— Mas eis-me chegado.

— Desobedeceste à minha ordem — disse Mor com frieza. Haveria intensa tristeza naquele rosto amortalhado e que em tempos fora lindíssimo, se não a ocultasse sob orgulho e liderança.

— Mas agora estou a obedecer-lhe — contrapôs Fafhrd. Reparou que a sétima Mulher da Neve corria ao longe, o silencioso manto branco subindo por entre as tendas em direcção à floresta altaneira que complementava a fronteira do Canto Gélido da fronteira do Desfiladeiro da Passagem dos Duendes.

— Muito bem — disse Mor. — E agora obedecer-me-ás ao seguires-me à tenda dos sonhos para a purificação ritual.

— Não fui violado — disse Fafhrd. — Além de que me purifico segundo os meus modos, também aceites pelos deuses.

Ouviram-se ruídos de desaprovação chocada do bando de Mor. Fafhrd falara com ousadia, mas como o rosto continuava inclinado, não lhes viu os rostos nem os olhos de discórdia, apenas os mantos longos e brancos, como um grupo de grandes vidoeiras.

Mor pediu:

— Olha para mim.

Fafhrd respondeu:

— Cumpro todos os deveres de um filho crescido, desde conseguir comida a guardar armas. Mas pelo que sei, encarar a minha mãe nos olhos não se encontra entre esses deveres.

— O teu pai obedeceu-me sempre — disse Mor ominosamente.

— Sempre que encontrava uma montanha alta, ia subi-la, sem obedecer a ordens que não as suas — contradisse Fafhrd.

— Sim, e morreu a segui-las! — gritou Mor, mestre em controlar a dor e a raiva sem as esconder completamente.

Fafhrd foi duro:

— De onde provinha o frio gélido que lhe partiu a corda e a picareta na Presa Branca?

Por entre exclamações de assombro vindas do bando, Mor pronunciou na voz mais grave que conseguia:

— Lanço uma maldição de mãe, Fafhrd, sobre a tua desobediência e mau juízo.

Fafhrd aceitou com estranha ansiedade.

— É com respeito que a recebo, Mãe.

— A maldição não é sobre ti, mas sobre a tua forma de pensar.

— Contudo, irei guardá-la para sempre no meu coração — interrompeu-a. — E agora, obedecendo a ordens apenas minhas, devo deixá-la, até que o demónio da ira a deixe em paz.

E com estas palavras, ainda cabisbaixo e de cara virada, avançou lesto para um local situado na floresta a leste das tendas principais, mas ainda a oeste da grande extensão de verdura que seguia para sul até ao Salão de Deus. Os guinchos irados do bando de Mor seguiram-no, mas a mãe não voltou a chamá-lo pelo nome, não voltou a falar. Fafhrd quase preferia que o tivesse feito.

As feridas nos jovens saram depressa, pelo menos ao nível da pele. Ao mergulhar na folhagem amada sem perturbar sequer um ramo cheio de cristais de gelo, os sentidos tinham voltado a estar alerta, o pescoço altivo, e a figura exterior da sua personalidade pronta para novas experiências como a neve imaculada adiante estava pronta para ser marcada. Seguiu pelo caminho mais fácil, evitando arbustos espinhosos à esquerda e enormes arremessos de pálido granito à direita.

Encontrou pistas de aves, trilhos de esquilos, ursos que tinham passado na véspera; pássaros de Inverno batiam com os bicos negros contra amoras vermelhas de neve; uma serpente de neve peluda silvou-lhe, e tivesse surgido um dragão com escamas feitas de gelo não teria ficado espantado.

Pelo que não ficou mais espantado ao observar que um pinheiro de ramagens elevadas abria, para si, a casca coberta de neve e lhe mostrava a dríade — o rosto jovial de uma rapariga de olhos azuis e cabelo como o ouro, uma dríade que não devia ter mais do que dezassete anos. A verdade é que tinha estado à espera de uma aparição como aquela desde que reparara na fuga da sétima Mulher da Neve.

E, contudo, durante dois batimentos cardíacos fingiu-se espantado. E logo se lançou adiante, gritando, «Mara, bruxa minha», e com ambos os braços separou a sua figura enroupada em branco do cenário de camuflagem, e manteve-a enrolada neles, segura contra si como se fossem um só tronco, capuz contra capuz e lábios contra lábios durante vinte dos tais batimentos, desta feita tão mais ressonantes e deliciosos.

Ao que ela lhe encontrou a mão direita e a dirigiu para dentro do manto, pela abertura do casaco longo, e manteve-a firme contra o baixo-ventre rijo.

— Adivinha — murmurou, lambendo-lhe a orelha.

— É parte de uma rapariga. Creio que é uma... — começou ele na brincadeira, embora os pensamentos já estivessem a cavalgar numa direcção completamente distinta.

— Não, parvo. É algo que é teu — disse o murmúrio molhado.

A direcção distinta encontrou um abismo gelado de certeza. E contudo, conseguiu dizer com bravura:

— Bem, esperava que não procurasses outros, embora fosse o teu direito. Devo confessar que estou muito honrado...

— Bestinha! Quero dizer que é algo que nos pertence a nós *dois*.

E a direcção tinha-se tornado num túnel de gelo e escuridão, talvez um poço sem fundo. Automaticamente, e com o apropriado gesto de surpresa, Fafhrd exclamou:

— Não...?

— Sim! Devo estar, mostrengo. Já por duas vezes que não me veio.

Melhor do que nunca na vida, os lábios de Fafhrd desempenharam a tarefa de se unirem a outros sem palavras. Quando finalmente se separaram, estes, e a língua que se escondia por detrás, estavam rendidos ao controlo dos olhos verdes. Então surgiu um rompante de alegria:

— Deuses! Que alegria! Vou ser pai! És muito esperta, Mara!

— Sim, muito esperta — disse a rapariga — para conseguir criar algo tão delicado a partir da rudeza do teu manejo. Mas vais pagar-mas pelo teu comentário infeliz sobre o «procurar outros». — Erguendo a parte de trás da saia, guiou-lhe as mãos por dentro do manto até um nó de correias na base da espinha. (Mulheres da Neve usavam capuzes de pele, botas de pele, meias altas de pele em cada perna ligadas a uma correia à cintura, e mais do que um casaco ou manto de pele — uma vestimenta prática, muito parecida com a dos homens, à excepção dos casacos compridos.)

Ao tocar no nó, de onde partiam três correias, Fafhrd disse-lhe:

— A sério, querida Mara, não sou a favor destas cintas da castidade. Não são para pessoas civilizadas. Além disso, interferem com a tua circulação sanguínea.

— Tu e a tua mania da civilização! Vou amar-te tanto que vais tirar isso da cabeça. Vá, desfaz o nó, para teres a certeza que só tu, e mais ninguém, aqui mexeu.

Fafhrd assim cumpriu e teve de concordar que o nó era seu e de mais nenhum homem. A tarefa demorou o seu tempo e foi deliciosa para Mara, a avaliar pelos gritinhos e gemidos doces, as gentis mordidelas e beijos. Fafhrd começou, ele mesmo, a ficar interessado. Quando a tarefa terminou, Fafhrd recebeu a recompensa de todos os mentirosos simpáticos: Mara amava-o imenso porque lhe dissera todas as mentiras correctas, e demonstrou-lho de uma forma intensa, o que lhe estava a fazer aumentar o interesse e excitação por ela.

Após um sem número de afagos e outras formas de carinho, tombaram por terra lado a lado, sobre os mantos de pele e tapados também por estes.

Alguém que passasse por ali julgaria que um montículo de neve se tinha tornado vivo, em convulsões, e estava prestes a dar à luz um homem, elfo ou demónio.

Decorridos uns tempos, esse montículo ficou silencioso e o mesmo transeunte hipotético teria de se inclinar muito perto para entender o que diziam as vozes lá dentro.

MARA: Adivinha o que estou a pensar.

FAFHHRD: Que és a Rainha da Beatitude. Aaah!

MARA: Aaah para ti também, e ooooh! E tu és o Rei das Bestas. Não, parvinho, já te digo. Pensava como estou contente que tenhas tido as aventuras nas terras a sul antes do casamento. Deves ter violado ou feito amor de forma indecente com dúzias de mulheres dessas terras, o que deve explicar os teus conceitos errados sobre o que é civilizado ou não. Mas não me importa. O meu amor vai tirar-te isso da alma.

FAFHHRD: Mara, tens um espírito brilhante, mas estás a exagerar aquela viagem pirata que fiz sob o comando de Hringorl, e muito em particular as oportunidades que me deu para encontros amorosos. Para começar, todos os habitantes, e as raparigas em particular, da vila que saqueámos, fugiram para as colinas antes de termos sequer chegado a terra. E se houve mulheres para violar, sendo eu o mais novo estaria no fim da lista de potenciais violadores. Para ser sincero, as únicas pessoas interessantes que conheci naquela viagem terrível foram dois velhotes que capturámos para obter resgate, dos quais aprendi um pouco de quarmalhão e lankhmarês superior, e um jovem que era aprendiz de feiticeiro. Era bom com o punhal, e um espírito aventureiro, como eu e o meu pai.

MARA: Não te lamentes. A vida ficará mais excitante depois de casarmos.

FAFHHRD: É aí que te enganas, querida Mara. Espera, deixa-me explicar! Conheço bem a minha mãe. Assim que casarmos, Mor vai querer que faças a comida e todo o trabalho da tenda. Vai tratar-te como sete oitavos sua escrava, e um oitavo minha concubina.

MARA: Ha! Vais ter de aprender a dominar a tua mãe, Fafhrd. Mas não te preocupes sequer com isso, querido. É óbvio que não conheces nenhuma das armas que uma jovem esposa forte e decidida usa para se proteger da sogra. Vou pô-la no lugar, nem que tenha de envenená-la — não para matar, só para a enfraquecer o suficiente. Antes que tenham passado três luas, vai tremer mal me aproxime e vais sentir-te mais homem. Sei bem que sendo tu filho único e como o teu pai morreu novo, ela

teve uma influência pouco natural em ti, mas...

FAFHrd: Já me sinto muito homem neste instante, minha bruxa imoral e envenenadora, minha gata, e tenciono provar-to sem demoras. Defende-te! Ha, és capaz...!

E mais uma vez o montículo de neve entrou em convulsões, qual urso gigante a morrer com ataques. O urso acabou por perecer numa música de sistos e triângulos, provocada pelo estilhaçar dos cristais de gelo que tinham crescido de forma desproporcionada nos mantos de Mara e Fafhrd enquanto conversavam.

O CURTO DIA APRESSOU-SE A DAR LUGAR À NOITE, COMO SE OS PRÓPRIOS deuses que governam o sol e as estrelas estivessem impacientes para assistir ao Espectáculo. Hringorl conferenciou com os seus três chefes, Hor, Harrax e Hrey. Houve bramidos e concordâncias, e o nome de Fafhrd foi mencionado. O mais novo marido do Clã da Neve, um gabarola vaidoso e imbecil, foi apanhado numa emboscada e espancado com bolas de neve até à inconsciência por uma patrulha de Esposas da Neve que o tinham apanhado numa intensa conversa com uma actriz mingol. Obrigado a convalescer durante os dois dias do Espectáculo, foi terna mas lentamente curado pela esposa, que tinha sido a atiradora mais entusiasta.

Mara, feliz como uma pomba de neve, apareceu neste lar para dar ajuda. Mas ao observar o marido tão desamparado e a esposa tão terna, os sorrisos e graciosidade sonhadora desvaneceram-se. Ficou tensa e demasiado inconstante para uma rapariga que era atlética. Três vezes abriu a boca para falar, depois fechou-a e finalmente saiu sem dizer palavra.

Na Tenda das Mulheres, Mor e o bando lançaram um feitiço a Fafhrd para o fazer voltar a casa e outro para lhe arrefecer as virilhas, depois passaram para a discussão de medidas mais graves a tomar contra um universo de filhos, maridos e actrizes.

O segundo encantamento não produziu efeito em Fafhrd, possivelmente porque tomava um banho de neve naquele preciso momento — sendo um facto bem conhecido que a magia tinha pouco efeito nos que estavam a causar a si mesmos efeitos idênticos aos que o feitiço procurava alcançar. Após se separar de Mara, tinha-se despido, mergulhado num banco de neve, e depois limpo cada poro da pele, cada fenda e ruga do corpo com aquela substância fria e entorpecedora. Após o que usou ramos de pinheiro de folhas duramente aguçadas para se limpar e pôr o sangue a fluir outra vez. Vestido, sentiu a chegada do primeiro encantamento mas opôs-se a ele e secretamente encontrou o caminho de volta à tenda dos mercadores mingol, Zax e Effendrit, antigos amigos do seu

pai, onde passou pelas brasas num monte de peles até ao cair da noite. Nenhum dos Encantamentos da mãe conseguiu segui-lo àquela que era, pelos costumes dos mercadores, uma pequena área do território mingol, embora a tenda respectiva começasse já a soçobrar ante o peso do número exagerado de cristais de gelo, nos quais os idosos mingóis, enfezados mas ágeis como macacos, batiam furiosamente com bastões. O som agradável embalava o sono de Fafhrd sem o acordar, o que teria irritado a sua mãe, se soubesse — ela acreditava que juntar repouso e prazer fazia mal aos homens. No sonho surgiu-lhe Vlana a dançar sinuosamente num vestido de rede feito de delicadas fios de prata e nos pontos em que se cruzavam havia miríades de pequenos sinos de prata, uma visão que irritaria Mor ao ponto da loucura; felizmente não estava nesse momento a usar o poder de ler mentes à distância.

A própria Vlana dormia enquanto uma das raparigas mingóis, à qual ela tinha pago meio smerduk antecipadamente, ia renovando as ligaduras de neve quando era necessário, e, ao ficarem secos, humedecia os lábios de Vlana com vinho doce, algumas gotas caindo-lhe na boca. O espírito de Vlana esvoaçava num turbilhão de antecipação e planos, mas sempre que acordava, tentava acalmá-lo com um encantamento circular de terras de Oriente que era mais ou menos assim: «Viria, letargia; acordado, enevoado; encara, mascara; dormente, mormente; farra, garra; ametista, conquista; parado, enumerado; calado, matado; alcatraz, incapaz; campanário, fontanário; feitoria, reitoria; viria, letargia», e assim em diante num círculo incestuoso. Ela sabia que uma mulher ganha rugas no espírito como as ganha na pele. Também sabia que as solteironas cuidam umas das outras. E por fim, sabia que uma actriz, como um soldado, deve dormir sempre que a oportunidade se lhe apresenta.

Vellix o Aventureiro, que vagueava pelas cercanias, calhou a escutar as congeminações de Hringorl, viu Fafhrd entrar na tenda do retiro, notou que Essedinex bebia para além da conta, e foi espreitar as andanças do Mestre do Espectáculo.

Na zona das raparigas, um terço da tenda dos actores com a forma de um peixe, Essedinex discutia com as duas miúdas mingóis, que eram gémeas, e uma iltthmariz praticamente núbil, sobre a quantidade de gordura que propunham espalhar pelo corpo rapado para o espectáculo da noite.

— Pelas pedras negras, vão levar-me à ruína — concluiu num lamento. — E vão ter o aspecto lascivo de montes de banha.

— Do que conheço das gentes do norte, gostam das mulheres bem gorduchas, logo também gostarão da gordura que fica por fora — comentou uma das miúdas.

— E mais — acrescentou a gémea rispidamente —, se pensas que vamos para o palco congelar os dedos e as mamas, só para dar prazer a uns velhos pestilentos, deves estar com a cabeça virada ao contrário.

— Não te preocupes, Seddy — disse a Ilthmariz, dando-lhe palmadinhas nas bochechas coradas e no pouco cabelo branco da cabeça. — Actuo melhor quando estou toda peganhenta. Vamos pô-los a correr atrás de nós pelas paredes acima, e quando nos agarrarem escapamos das mãos deles como sementes de melão.

— Correr atrás de vocês?... — Essedinex agarrou-a pelo ombro magricela. — Não vão começar nenhuma orgia hoje, estão a ouvir? Provocá-los dá dinheiro. Orgias não. O objectivo é...

— Sabemos até que ponto provocá-los, paizinho — disse uma das raparigas.

— E como controlá-los — continuou a mana.

— E se não soubermos, a Vlana de certeza que sabe — concluiu Ilthmarix.

À medida que as sombras quase imperceptíveis se alongavam e a neblina enegrecia, os cristais omnipresentes cresceram com maior rapidez. O burburinho das tendas de troca, isoladas da tenda principal pela língua de neve da floresta, tornou-se mais suave de tom, até cessar. A lengalenga suave e interminável da Tenda das Mulheres ficou mais perceptível e assumiu um tom mais agudo. A brisa do entardecer chegou do norte fazendo tinir os cristais. A lengalenga cresceu de intensidade, e a brisa e o tinir calaram-se de mútuo acordo. A neblina regressou em convulsões de ocidente e oriente, e os cristais voltaram a crescer. A lengalenga desapareceu num murmúrio. O Canto Gélido tornou-se expectante com a chegada da noite.

O dia escapou-se pelo horizonte coberto de gelo como se tivesse medo da noite.

Verificou-se movimento no espaço estreito que separava as tendas dos actores e o Salão de Deus, um brilho, uma faísca que se manteve acesa por nove, dez, onze pulsações, depois um clarão, um estrondo, e logo ascendeu — de início lentamente, depois cada vez mais rápido — um cometa com cauda farta de cor laranja que soltava fagulhas. Bem acima dos pinheiros, quase no limite dos céus — vinte e um, vinte e dois, vinte e três — a cauda fraquejou e explodiu com um trovão, tornando-se em nove estrelas brancas.

Era o foguete que assinalava o primeiro acto do Espectáculo.

O Salão de Deus era, por dentro, uma nave comprida, alta e insana de fria negrura, iluminada inadequadamente e aquecida por um arco de velas na proa, que durante o resto do ano servia de altar, mas que agora

continha um palco. A fazer de mastros, havia onze pinheiros avantajados e vivos que se erguiam da popa da nave, da proa e de ambos os lados. As velas — ou seja, paredes — encontravam-se fortemente atadas aos mastros. E ao invés do céu sobranceiro, estavam as ramagens dos pinheiros, brancos da neve cadente, que se erguiam bem acima de cinco alturas de homem acima do convés.

A proa e convés desta estranha nave, que se moviam apenas ante os ventos da imaginação, estavam recheados de Homens da Neve envergando as peles e mantos de cores escuras. De riso provocado pela bebida, mordiam-se uns aos outros com chistes e piadas, mas não muito alto. Eram amansados pelo respeito e temor religioso quando entravam no Salão de Deus, ou mais apropriadamente, na Nave de Deus, apesar do uso mais ou menos profano a que iria ser posta esta noite.

Começou a ouvir-se um rufar ritmado, tão sinistro quanto as passadas de um leopardo da neve e, de início, tão suave que ninguém poderia precisar o começo, a não ser que num instante havia movimento e conversas entre a audiência, e no momento seguinte, o vazio, apenas pares de mãos dadas ou pousadas suavemente nos joelhos, e igual número de pares de olhos a perscrutar o palco iluminado pelas velas, entre dois painéis ostentando pinturas de remoinhos negros e cinzentos.

O rufar intensificou-se, ficou mais rápido, mais complexo ao aceitar arabescos de ritmos, e regressou aos passos de leopardo.

Saltou então para o palco, em sincronia com o tambor, um felino esguio, de pele prateada e estatura pequena, pernas compridas, orelhas espetadas, bigodes em sentido e presas bem longas. Estava a uma jarda de altura do solo. A única característica humana era o cabelo comprido e preto que tombava pelo pescoço abaixo e sobre o ombro direito.

Deu três voltas ao palco, de cabeça baixa e farejando o ar como se perseguisse um cheiro, num ronronar profundo.

Então, reparou na audiência e logo se escondeu dela, gritando, fazendo ameaças com as garras que se projectavam das patas compridas.

Dois membros da plateia ficaram tão convencidos pela ilusão que os companheiros tiveram de impedi-los de atirar uma faca ou um machado de cabo curto ao que criam ser uma besta genuína e perigosa.

O animal observou-os, repuxando os lábios negros das presas e dos dentes inferiores. Movia o focinho agilmente para ambos os lados, inspeccionando-os com olhos grandes e castanhos, a pequena cauda de pele acompanhando o movimento.

E então iniciou uma dança de leopardo sobre a morte, a vida e o amor, erguendo-se de tempos a tempos nas patas traseiras, mas mantendo-se geralmente agachado. Vagueou e investigou, ameaçou e retrocedeu,

atacou e fugiu, rodopiou e sibilou felinamente.

Não obstante a cabeleira longa e negra, a audiência não ficou mais convencida de tratar-se de uma mulher coberta por um fato de pele justo ao corpo. Para começar, as pernas da frente eram tão compridas quanto as traseiras, e pareciam ter uma articulação a mais.

Algo de cor branca soltou um guincho e surgiu num bater de asas por detrás de um dos painéis. Lançando-se num salto destro e com um golpe da pata dianteira, o gatarrão prateado atacou.

O grito do pombo das neves ecoou por todo o Salão de Deus, seguido do estalar do pescoço.

Sustendo o pássaro morto nas presas, o felino, pondo-se de pé numa postura feminina, apreciou lentamente a audiência, e em seguida voltou para detrás do painel mais perto de si. O público soltou um suspiro, que tinha um quinhão de asco e outro de desejo, curiosos em saber o que viria a seguir e uma vontade de descobrir o que estava a acontecer.

Fafhrd, contudo, não suspirou. Por um lado, o menor dos movimentos poderia trair o esconderijo em que se encontrava. Por outro, podia ver o que estava a acontecer atrás de ambos os painéis de remoinhos.

Estando impedido, pela tenra idade, de observar o Espectáculo, e não contando sequer com as vontades e caprichos de Mor, meia hora antes do levantar da cortina escalara um dos pilares do Salão dos Deuses do lado do precipício, quando ninguém estava a ver. As convoluções sólidas do relevo das paredes tornavam a subida muito fácil. Então avançara com cuidado sobre duas das várias ramagens próximas dos pinheiros que ornavam o Salão, muito cauteloso para não deslocar nem a folhagem nem a neve acumulada, até encontrar uma abertura com boa visibilidade sobre o palco, embora escondida do público. A partir daí, era apenas uma questão de manter-se quieto para não derrubar nem folhas nem neve. Quem olhasse para cima confundiria as vestes brancas dele com a neve, ou assim esperava.

Via agora o jeito como as duas raparigas mingol puxavam com destreza as mangas de pele muito apertadas dos braços de Vlana, bem como as extensões rígidas onde estavam as patas e as garras e que ela mantinha agarradas durante o espectáculo. De seguida, retiravam-lhe as calças de pele, com ela sentada num banco, e no final, presas desprendidas dos dentes, abriam a máscara de leopardo e a estrutura das espáduas.

Voltaria ao palco logo passado um momento — uma mulher das cavernas envolta num sarongue de pele prateada, chupando preguiçosamente a ponta de um osso comprido e grosso. Por mímica, representou o dia de uma mulher das cavernas: cuidar do bebé e do fogo, dar palmadas no putto reguila, mastigar coxas e coser laboriosamente. Ficou mais inte-

ressante com o regresso do marido, uma presença invisível tornada real pelos gestos.

A audiência seguiu com facilidade o desenlace, sorrindo quando pediu ao marido a carne que trouxera consigo, mostrando insatisfação com a pobreza da matança, e recusou-lhe um beijo. Riram-se às gargalhadas quando tentou bater-lhe com o osso e recebeu um soco, que a atirou por terra, os miúdos reunindo-se em volta dela.

Dessa posição saiu de cena, pondo-se atrás de outro painel, que escondia a passagem dos actores (geralmente a dos Sacerdotes da Neve), e que também escondia o mingol maneta, cujos cinco dedos da única mão se encarregavam de toda a musica, batendo no tambor preso entre os pés. Vlana libertou-se do resto das peles, mudou o aspecto dos olhos e sobranceiras com quatro traços de maquilhagem, num gesto aparentemente único pôs aos ombros uma túnica com capuz, e estava de volta ao palco na carne de uma mulher mingol das Estepes.

Após mais uma breve sessão de mímica, agachou-se delicadamente defronte de uma mesa baixa, coberta de potes, na dianteira do palco, e cuidadosamente começou a aplicar maquilhagem e a compor o cabelo, com a audiência a servir de espelho. Largou o capuz e o vestido, revelando o vestido de seda vermelha que as peles cobriam. Era fascinante observá-la aplicar os unguentos, pós e brilhantes de várias cores nos lábios, nas bochechas, nos olhos, e vê-la pentear o cabelo escuro até formar uma estrutura que se mantinha no lugar graças a ganchos com cabeça de brilhantes.

Foi então que a compostura de Fafhrd foi testada ao limite, quando um pedaço de neve lhe cobriu os olhos e se manteve ali.

Manteve-se perfeitamente quieto durante três batimentos cardíacos. Depois capturou um pulso relativamente esguio e puxou-o, ao mesmo tempo que sacudia a cabeça e pestanejava.

O pulso aprisionado conseguiu libertar-se e a neve caiu pela gola do casaco de pele de lobo de Hor, o laçao de Hringorl que se sentava imediatamente por debaixo deles. Hor soltou um gritinho estranho e levantou a cabeça, mas por sorte nesse preciso instante Vlana baixou o vestido vermelho de seda e começou a pintar os mamilos com um unguento cor de coral.

Fafhrd virou-se e descobriu Mara a presenteá-lo com um sorriso feroz, deitada sobre ramos ao lado dos dele, a cabeça ao nível dos seus ombros.

— Se eu fosse um gnomo do gelo, já estavas morto! — sussurrou-lhe. — Ou se tivesse mandado os meus quatro manos apanharem-te, como devia ter feito. Os teus ouvidos estavam como mortos, o teu espírito

focado no que os teus olhos viam, e estes postos na putéfila magricela. Já ouvi dizer que desafiaste Hringorl por causa dela! E recusaste a pulseira de ouro como prenda!

— Minha querida, admito que abordaste a minha retaguarda com perícia e silêncio — Fafhrd respondeu-lhe no mesmo tom —, ao mesmo tempo que mostras ter ouvidos e olhos para tudo o que transpira, e até o que não transpira... no Canto Gélido. Mas devo dizer, Mara...

— Ha! Vais dizer-me que não devia estar aqui, por ser mulher. Prerrogativas masculinas, sacrilégio intersexual, e por aí adiante. Bem, e tu também não devias.

Fafhrd pesou uma parte da resposta.

— Não, penso que todas as mulheres deviam assistir. O que iriam aprender seria do interesse e vantagem delas.

— Para andarmos aos pulos como uma gata com cio? Para nos portarmos como escravas parvinhas? Sim, também vi os actores... enquanto estavas para aí a babar-te feito parvo e mudo! Vocês, homens, riem-se de tudo, em particular quando a vossa luxúria estúpida, boquiaberta, corada é despertada por uma cabrinha desavergonhada a mostrar as suas vergonhas.

O sussurrar intenso de Mara estava a ficar muito ruidoso e poderia atrair as atenções de Hor e dos restantes, mas mais uma vez a fortuna sorriu, pois ante um rufar de tambores Vlana saiu de cena, e deu-se início a uma melodia selvagem e galopante, embora pobre, tendo-se juntado ao maneta mingol a pequena ilthmariz e a sua flauta de nariz.

— Não me ri, minha querida — disse Fafhrd — nem me babei nem corei nem respirei com ânsia, e estou certo que percebeste. Não, Mara, o meu único intento em assistir é perceber melhor a civilização.

Ela encarou-o, mostrou os dentes e transformou o sorriso em ternura.

— Sabes, penso que deves mesmo acreditar nisso, honestamente, meu bebé — sussurrou com admiração. — Considerando que a decadência chamada civilização possa ser de interesse para alguém, e uma puta aos pulinhos a melhor das mensageiras, se é que existe mensagem.

— Nem penso nem acredito, sei — replicou Fafhrd, ignorando os outros comentários de Mara. — Um mundo inteiro que nos chama e temos apenas olhos para o Canto Gélido? Observa comigo, Mara, e ganha sabedoria. A actriz dança as culturas de todas as terras e épocas. Agora é uma mulher das Oito Cidades.

Talvez Mara tivesse em parte sido persuadida. Ou talvez o novo vestido de Vlana a tapasse por completo — mangas compridas, corpete verde, cheio, saia azul, meias vermelhas, sapatos amarelos — e que a dan-

çarina se esforçava ao máximo, mostrando os músculos do pescoço retesados do esforço do sapateado e dos rodopios. De qualquer modo, a Rapariga de Neve encolheu os ombros e sorriu com indulgência, dizendo:

— Sim, admito que tem um interesse decadente.

— Minha cara, sabia que compreenderias. Tens o dobro da inteligência de qualquer das mulheres da tribo, ou de qualquer dos homens — disse ele, acariciando-a com ternura, embora algo ausente enquanto encarava o palco.

Numa sucessão de mudanças de vestuário rápidas como relâmpagos, Viana passou de huri das Terras do Levante, a rainha quarimaliana adornada segundo os costumes, uma concubina lânguida do Rei dos Reis, e uma senhora de Lankhmar ativa envergando uma toga negra. A última era licença dramática: apenas os homens é que usam a toga, mas a indumentária era o símbolo representativo de Lankhmar no mundo de Nehwon.

Entretanto Mara fez o melhor que pôde para partilhar o entusiasmo excêntrico do futuro marido. Começou por estar genuinamente interessada e recolher notas mentais dos detalhes das vestimentas de Viana e truques de comportamento que ela mesma adoptaria quando fosse oportuno. Mas passou a estar, gradualmente, espantada ao perceber a superioridade da mulher mais velha no treino, experiência e conhecimento. A dança e mímica de Viana não podia ser aprendida sem muito treino e paciência. E como, e muito particularmente quando, poderia uma Rapariga da Neve usar roupas como aquelas? Sentimentos de inferioridade deram lugar à inveja e daí ao ódio.

A civilização era pérfida, Viana devia ser expulsa a vergastadas do Canto Gélido, e Fafhrd precisava de uma mulher que lhe organizasse a vida e lhe tivesse rédeas na imaginação. Não a mãe, obviamente — aquela devoradora incestuosa do próprio filho — mas uma jovem e astuta esposa. Ela.

Começou a observar Fafhrd atentamente. Não se parecia nada com um macho pomposo, parecia frio como o gelo, embora se mostrasse interessado na figura lá em baixo. Recordou a si mesma que alguns homens eram mestres em esconder os sentimentos genuínos.

Viana libertou-se da toga e surgiu numa túnica de fios de cobre finos e malha larga. Onde se cruzavam os fios, havia um pequeno sinete prateado. Abanava-se e os sinetes retiniam, como um bando de pardais a chilrear um hino àquele corpo de adolescente, embora os olhos grandes que espreitavam por entre a cascata de cabelo liso promettessem mistérios e convites adultos.

A respiração controlada de Fafhrd acelerou-se. Então o sonho

na tenda mingol tinha sido verdade! A atenção dele, que vagueou pelas terras e eras que a dança dela evocara, centrou-se somente em Vlana e tornou-se em desejo.

Desta vez a compostura dele foi submetida a um teste mais duro, pois, sem aviso, a mão de Mara agarrou-lhe as virilhas.

Mas não teve tempo de reagir. Ela largou-o, chorando:

— Grande animal! Estás com pensamentos de luxúria! — e atacou-o nas costas, mesmo abaixo das costelas.

Ele tentou agarrar-lhe os pulsos, sem cair da árvore. Mas ela continuou a tentar agredi-lo. As ramagem vergaram sob o peso e deixaram cair neve e pedaços de gelo.

Conseguindo enganchar um golpe na orelha de Fafhrd, o torso de Mara desequilibrou-se embora os pés continuassem presos nas ramagens. Berrando «Deus te dê juízo, cabra!», Fafhrd sustentou-se no ramo mais forte perto de si e lançou-se para agarrar o braço de Mara por debaixo do ombro. Os que lá em baixo observavam a cena — e havia já alguns, apesar da atracção em palco — viram duas cabeças e formas protuberantes em luta furiosa, vestidas de branco, como dois cisnes em voo. Depois, ainda lutando entre si, as figuras retrocederam para dentro dos ramos.

Um Homem da Neve mais idoso gritou «Sacrilégio!», outro mais novo «Mirones! Vamos dar-lhes cabo do canastro!» Até lhe poderiam ter obedecido, pois um quarto dos Homens da Neve já se encontravam de pé, não fosse a presença de Essedinex, que se mantinha de olho nos acontecimentos, espreitando por um buraco nos painéis, e que sabia como lidar com multidões. Apontou um dedo ao mingol atrás dele, após o que ergueu a mão abruptamente, a palma virada para cima.

Ouviu-se música. Soaram címbalos. As duas raparigas mingóis e a iltmariz surgiram nuas no palco e perseguiram Vlana. O oriental gordo ultrapassou-as e pegou fogo à própria barba. Chamas azuis cobriram-lhe a cara e as orelhas. Não apagou o fogo — usando a toalha molhada que transportava — até Essedinex pronunciar em surdina:

— Já basta. Voltámos a ter a atenção deles.

Reduzira-se a metade o comprimento da barba negra. Aos actores requerem-se grandes sacrifícios, que os críticos e os parceiros raramente apreciam.

Fafhrd, saltando os poucos metros que o separavam do chão, pousou na ladeira exterior ao Salão dos Deuses no preciso instante em que Mara terminava a descida. Encararam-se mutuamente, enterrados até aos joelhos na neve, iluminados por uma lua nascente, meio lúgubre, e que os enlaçava em sombras.

Perguntou Fafhrd:

— Mara, onde é que escutaste essa mentira de que tinha desafiado Hringorl para ficar com a actriz?

— Mentiroso traiçoeiro! — gritou ela de volta, esmurrando-o no olho e fugindo para a tenda das mulheres num pranto imenso. — Vou contar aos meus manos! Vais ver!

Fafhrd saltitou para abafar um berro de dor, foi atrás dela, parou, esmagou neve contra o olho que inchava, e quando conseguiu parar a dor e sentir apenas pulsações, pôs-se a pensar.

Olhou em volta com o olho bom, mas não viu ninguém, dirigiu-se para um matagal de sempre-verdes cobertas de neve na berma do precipício, escondeu-se nelas, e continuou a pensar.

Os ouvidos diziam-lhe que o Espectáculo continuava a bom ritmo dentro do Salão. Havia risos e aplausos, por vezes abafados por tambores e sons de flautas. Os olhos — o atingido voltara entretanto a funcionar — disseram-lhe que não havia ninguém por perto. Viraram-se para as tendas dos actores no ponto em que o Salão se aproximava da nova estrada para sul, e para os estábulos mais além, e para as tendas dos mercadores distantes. Depois voltaram à tenda mais próxima: a tenda semicilíndrica de Vlana. Cristais cobriam-na, brilhando ao luar, e até parecia que uma minhoca de cristal subia pela estrutura, mesmo abaixo do tronco do plátano sempre-verde.

Dirigiu-se para ela, deslizando. O nó que juntava as cortinas da entrada escondia-se nas sombras, e pareceu-lhe complexo e estranho. Avançou para a parte de trás, soltou dois espigões, escorregou de barriga pela abertura como uma cobra, descobriu-se entre as pregas dos vestidos de Vlana, substituiu os espigões, ergueu-se, sacudiu a roupa, avançou alguns passos e deitou-se na plataforma. Calor — pouco — saía de um braseiro coberto. Passados uns instantes foi buscar o brande que estava sobre a mesa e serviu-se.

Ouviu finalmente vozes. Ficavam mais sonoras. Ao perceber que a atadura da porta estava a ser aberta, procurou a navalha e preparou-se para se cobrir com um tapete de pele.

Alegre mas determinada a voz pronunciou: «Não, não, não», e Vlana entrou rapidamente de costas pela abertura solta, segurou as pregas enquanto apertava a corda, e olhou por cima do ombro.

O olhar de puro espanto desapareceu antes de Fafhrd o notar, sendo substituído por um sorriso de boas-vindas que lhe enrugou o nariz de forma cómica. Virou-se para apertar com cuidado os cordames da entrada e perdeu algum tempo a formar o nó por dentro. Depois aproximou-se dele, ajoelhando-se mas mantendo o corpo erecto dos joelhos para cima. Não ostentava sorrisos, agora, ao encará-lo de uma posição

cimeira, apenas um olhar composto e enigmático que procurava o seu. Envergava o manto com capuz típico dos mingóis.

— Então mudaste de ideias quanto a receberes uma recompensa — disse ela pragmaticamente. — Como é que sabes se eu própria não terei mudado de ideias?

Fafhrd abanou a cabeça, negando a primeira afirmação. Depois, após uma breve pausa, comentou:

— Não interessa, percebi que te quero.

Ela disse:

— Vi-te a observares o espectáculo da... da galeria. Quase me roubaste, sabes — ou seja, o público. Quem era a rapariga que estava contigo? Ou era um miúdo? Não consegui perceber.

Ele não lhe respondeu às perguntas. Ao invés, disse:

— Também te quero fazer perguntas sobre a tua dança fabulosa e sobre... actuar sem nada.

— Mímica — deu-lhe a palavra. — Sim, mímica.

— E quero falar contigo sobre a civilização.

— Pois foi, esta manhã perguntaste-me quantas línguas falava — disse ela, centrando o olhar na parede da tenda por detrás dele. Também era, obviamente, uma pensadora. Tirou-lhe o copo de brande da mão, bebeu metade do que restava antes de o devolver.

— Muito bem — disse ela, olhando-o por fim, mas sem que a expressão tivesse mudado. — Vou dar-te o que desejas, caro jovem. Mas não agora. Primeiro, preciso de descansar e recuperar forças. Vai-te e volta quando a estrela Shadah desaparecer. Acorda-me se estiver a dormir.

— Isso é uma hora antes da alvorada — disse ele, olhando para cima na direcção dela. — Vai ser uma espera gelada.

— Não faças isso — retorquiu ela rapidamente. — Não te quero congelado. Vai para onde estiver calor. Pensa em mim para te manteres acordado. Não bebas vinho em demasia. Agora vai-te.

Ele ergueu-se e ia abraçá-la. Ela impediu-o, dizendo:

— Mais tarde. Mais tarde, tudo.

Dirigiu-se assim para a saída, mas ela avisou-o:

— Podem ver-te. Volta por onde entraste.

Passando por ela, a cabeça dele embateu em algo duro. Entre os arcos que sustentavam o centro da tenda, o corpo principal encurvava-se para dentro, forçando os próprios arcos e entortando-os. Os instintos disseram-lhe que pegasse em Vlana e saltasse para longe, mas começou a bater nas saliências. Ouviu-se um tombar de cristais, cuja figura, no exterior, lhe tinha feito lembrar um verme gigante — talvez uma serpente de neve gigante, agora! —, e que se quebravam e tombavam na neve.

Enquanto dizia:

— As Mulheres de Neve não gostam de ti. Nem Mor, a minha mãe, é tua amiga.

— Julgá-lo que me assustam com cristais de gelo? — perguntou Vlana com desprezo. — Pois olha que conheço uns feitiços orientais com fogo que comparados com as bruxarias delas...

— Mas estás no território delas, agora, à mercê do elemento vital, que é mais cruel e subtil que o fogo — interpôs Fafhrd, afastando as saliências finais, para que os arcos se voltassem a endireitar e o couro ficasse plano entre eles. — Não subestimes o poder delas.

— Obrigado por salvaras a minha tenda de ser esmagada. Mas agora vai-te, e depressa — disse-o como se fosse banal, mas a expressão parecia pensativa.

Mesmo antes de se esgueirar pela parede traseira, ele voltou-se para a encarar. Vlana olhava absorta para a parede do fundo, segurando ainda o copo vazio que ele lhe tinha passado, mas apanhou-lhe o olhar, e sorrindo, beijou a palma e soprou na direcção dele.

No exterior, o frio mordida. Não obstante, Fafhrd dirigiu-se para o monte de sempre-verdes, enrolou o manto em volta de si, baixou o gorro sobre a cabeça, apertou-o no pescoço, e sentou-se virado para a tenda dela.

Quando o frio começou a entrar-lhe no manto, pensou em Vlana.

Subitamente estava de cócoras e desapertava a bolsa da faca.

Uma figura abordava a tenda de Vlana, mantendo-se nas sombras quando podia. Parecia estar vestida de negro.

Fafhrd avançou silenciosamente.

Chegou-lhe aos ouvidos o som suave de unhas a raspar couro.

Surgiu luz, indicando que a porta era aberta.

A luz era suficiente para indicar a feição de Vellix, o Aventureiro. Entrou na tenda, e depois ouviu-se cordas a serem apertadas.

Fafhrd estacou a uma dezena de passos da tenda e manteve-se ali, parado, talvez durante duas dúzias de pulsações. Então rodeou a tenda, mantendo a mesma distância.

Havia um brilho à entrada da tenda alta e cónica de Essedinex. Dos estábulos lá em baixo um cavalo resfolegou duas vezes.

Fafhrd agachou-se e espreitou pela entrada baixa, a um lançamento de faca de distância. Moveu-se para um lado e para outro. Conseguiu ver uma mesa cheia de copos e canecas junto à parede do outro lado da entrada.

Num lado da tenda estava Essedinex. No outro, Hringorl.

À cautela, não fosse surgir Hor, Harraz ou Hrey, Fafhrd contornou a tenda. Aproximou-se do lado em que se via a silhueta apagada da mesa e dos dois homens. Afastando o capuz e cabelo, encostou o ouvido ao couro.

— Três barras de ouro... e nem mais uma — dizia Hringorl decididamente. O couro fazia a voz parecer oca.

— Cinco — contrapôs Essedinex, acompanhando-se de um sorvo de vinho degustado e engolido.

— Ouve bem, velhote — disse Hringorl, a voz com tom ameaçador. — Não preciso de ti. Posso raptar a rapariga e não ter de te pagar um tostão.

— Oh, não, isso não vai ser possível, Mestre Hringorl — Essedinex parecia alegre. — Porque o Espectáculo nunca iria regressar ao Canto Gélido, e o que diriam então os seus homens? Nem eu lhe traria mais nenhuma rapariga.

— E então? — disse o outro com descuido. As palavras perderam-se num golo de vinho, e contudo Fafhrd conseguiu distinguir nelas um certo *bluff*. — Tenho o navio. Posso cortar-te a garganta neste instante e raptar a rapariga esta noite.

— Então, avance — disse Essedinex com jovialidade. — Dê-me apenas tempo para mais um copo.

— Muito bem, velho miserável. Quatro barras de ouro.

— Cinco.

Hringorl praguejou venenosamente,

— Uma destas noites, meu chulo decadente, vais provocar-me de mais. Além de que a rapariga já tem muitos anos.

— Ah, pois, em como dar prazer. Já contei que outrora ela foi acólita dos Feiticeiros de Azorkah?... para que a pudessem treinar a ser uma concubina do Rei dos Reis e espia na corte em Horborixen. Sim, e escapou-se dos terríveis necromantes quando atingiu o conhecimento erótico que procurava.

Hringorl riu-se com uma leveza forçada.

— Diz-me porque devo pagar nem que seja uma barra de prata por uma rapariga que já foi possuída por dúzias de homens? A boneca de qualquer um.

— Por centenas — corrigiu Essedinex. — A perícia só se adquire pela experiência, como bem sabe. E quanto maior esta for, maior será a perícia. E contudo, a rapariga não é uma boneca. É ela quem dá as ordens, a reveladora; brinca com um homem para o prazer dele, sabe fazê-lo sentir-se rei do universo, e talvez (quem sabe?) tornar-se num. O que é afinal impossível para alguém que conhece as formas de prazer dos próprios

deuses e dos arqui-demónios? E mesmo assim (não acreditará nisto mas é a mais pura das verdades) ela continua, à sua maneira, uma perfeita virgem. Pois nenhum homem ainda a conseguiu domar.

— Isso é o que vamos ver! — as palavras de Hringorl pareciam quase um grito de riso. Vinho foi tragado novamente. Depois a voz suavizou-se. — Muito bem, seja então cinco barras de ouro, usuário. Entregues após o Espectáculo de amanhã à noite. O ouro pago aquando da entrega da rapariga.

— Três horas depois do Espectáculo, quando a rapariga estiver drogada e tudo estiver quieto. Não vale a pena espicaçar a inveja dos seus companheiros tão cedo.

— Duas horas. Temos acordo? Falemos agora do próximo ano. Vou querer uma negra, uma kleshita puro-sangue. E nada de cinco barras. Não quero uma beleza enfeitiçadora, apenas que seja jovem e apresentável.

— acredite em mim — disse Essedinex —, nunca mais vai querer outra mulher, logo que tenha conhecido Vlana e (boa sorte!) conseguido domá-la. Ah, e claro, suponho...

Fafhrd cambaleou para longe da tenda, e plantou firmes os pés, espaçados, pois sentia-se estranhamente tonto, ou seria bêbado? Tinha quase adivinhado que estavam a falar de Vlana, mas escutar o nome dela assim dito em voz alta fazia uma diferença maior do que supusera ao início.

As duas revelações, assim tão perto uma da outra, enchiam-no com um estranho sentimento misto que não conhecera antes; uma raiva dominante e também um desejo de riso incontrolável. Queria uma espada tão grande que rasgasse o céu e fizesse os moradores no paraíso tombarem de seus leitos. Queria despejar todos os foguetes do Espectáculo sobre a tenda de Essedinex. Queria derrubar o Salão dos Deuses e seus pinheiros e arrastá-lo pelas tendas de todos os actores. Queria...

Virou-se e avançou lesto para a tenda dos cavalos. O tratador ressonava sobre a palha com uma caneca vazia por companhia, perto do corcel ligeiro de Essedinex. Fafhrd notou com prazer que o animal que melhor o conhecia pertencia a Hringorl. Descobriu um cabresto e uma longa corda, de material forte mas leve. Conduziu então o cavalo escolhido — uma égua branca — para longe dos outros, soltando ruídos de conforto com a garganta. O tratador ressonava mais ruidosamente. Notou novamente o trenó ligeiro. O demónio do risco tomou posse dele e levou-o a desatar a lona rija e manchada que cobria o depósito situado entre os dois bancos. Entre outros pertences, encontrou o abastecimento de foguetes do Espectáculo. Escolheu três de entre os maiores — com as

altivas caudas de cinza eram compridos como bastões de esquí — e repôs com muito cuidado a lona. Ainda sentia um louco desejo de destruição, mas encontrava-se já sob controlo.

Uma vez no exterior, colocou o cabresto na égua e atou-o firmemente a uma ponta da corda. Da outra ponta fez um laço. Enrolando o resto da corda e levando os foguetes debaixo do braço esquerdo, montou-a com experiência e conduziu-a para junto da tenda de Essedinex. As duas silhuetas ainda se confrontavam difusamente de cada lado da mesa.

Fez girar o laço sobre a cabeça e lançou-o. Caiu no ápice da tenda quase sem se ouvir, pois foi rápido a recolher a corda solta antes de bater contra a parede da tenda.

O laço ficou apertado contra o topo do pilar central da tenda. Contendo a excitação, fez avançar a égua em direcção à floresta pelo manto de neve pintado de luar, soltando a corda à medida que avançava. Quando só restavam quatro voltas da corda, conduziu a égua num galope. Debruçou-se sobre o cabresto, segurando-o com firmeza, calcanhares firmes contra o dorso do animal. A corda retesou-se. O animal fez esforço. Sentiu um estalido abafado mas gratificante atrás de si. Soltou um grito de triunfo. A égua avançou mais do que impedia a corda. Olhando para trás, viu que a tenda estava a ser arrastada. Viu fogo e escutou berros de surpresa e raiva. Então deu nova soltura ao riso.

Já na orla da floresta puxou da faca e cortou a corda. Descendo da montada, deu-lhe uma palavra de agradecimento e uma palmada no flanco que a fez retornar ao estábulo. Pensou em disparar os foguetes contra a tenda caída, mas decidiu que seria anticlimático. Mantendo-os seguros debaixo do braço, avançou para a orla da floresta. Escondido, tomou o caminho para casa. Teve o cuidado de minimizar as pegadas, pegou num ramo de pinheiro e arrastou-o atrás de si, e sempre que podia avançava por cima das pedras.

O seu gigantesco humor desaparecera, bem como a raiva, substituídos por uma depressão negra. Já não odiava Vellix nem Vlana, mas a civilização parecia um objecto funesto, imerecedor do seu interesse. Estava contente pela vingança contra Hringorl e Essedinex, mas eram meros vermes. Ele próprio não passava de um fantasma solitário, destinado a vaguear pelo Canto Gélido.

Poderia avançar para norte pelo arvoredado até encontrar vida ou tombar congelado, ou procurar os esquis e tentar o salto sobre o abismo proibido que fora a morte de Skif, ou empunhar a espada e desafiar os patifes de Hringorl de uma só vez, ou cem outros destinos cruéis.

As tendas do Clã da Neve pareciam cogumelos pálidos sob a luz daquele luar insano. Algumas eram cones que cobriam um cilindro acha-

tado; outras, hemisférios inchados, com a forma de nabos. Como cogumelos, não tocavam o solo nas pontas. Os chãos de ramagens compactas, tapados com protecções e suportados por troncos mais sólidos, mantinham-se firmes e tinham uma orla mais larga que a da tenda, não fosse o calor da mesma transformar o chão gelado por baixo num pequeno pântano.

O tronco imenso e prateado de um carvalho da neve morto, que terminava naquilo que se assemelhava às unhas partidas de um gigante, onde no passado um relâmpago o tinha seccionado a meio, marcava o sitio da tenda de Mor e Fafhrd — e também da campa do pai, que ficava coberta pela tenda. Todos os anos avançava um pouco.

Viam-se luzes em algumas das tendas e na principal Tenda das Mulheres posicionada para lá do Salão de Deus, mas Fafhrd não conseguia distinguir ninguém levantado. Soltando um queixume de desalento, dirigiu-se para a porta de casa, mas, lembrando-se dos foguetes, encaminhou-se para o carvalho morto. A superfície era macia, a casca tinha desaparecido há muito tempo. Os ramos que restavam mostravam-se também desnudos e partidos, o mais baixo de todos situando-se fora de alcance.

A alguns passos de distância parou para dar mais uma vista de olhos às redondezas. Seguro da privacidade, correu em direcção ao carvalho e deu um salto mais próprio de um leopardo que de um homem, para conseguir agarrar o ramo mais baixo com a mão disponível e aproveitar o ímpeto resultante para se posicionar no tronco.

Assente no ramo morto, seguro ao tronco com um dedo apenas, acautelou-se uma ultima vez da presença de curiosos e transeuntes tardios, depois fez pressão com unhas e dedos, abrindo na superfície de madeira cinzenta e aparentemente imaculada uma entrada tão alta quanto ele próprio mas apenas com metade da largura. Procurando espaço entre os esquis e espigões, encontrou uma forma alongada embrulhada em três peles de foca ligeiramente gordurosas. Dentro do pacote estava um arco impressionante e um saco de flechas. Acrescentou os foguetes, substituiu o embrulho e fechou a estranha porta da sua árvore-cofre, tombando para o solo coberto de neve, que sacudiu prontamente.

Entrando na tenda a que chamava lar, voltou a sentir-se como um fantasma e tentou evitar ruídos. O cheiro do lar confortou-o com desconforto e contra a própria vontade; cheiros de carne, cozinhados, fumo antigo, peles, suor, jarros, o odor suave e agridoce de Mor. Atravessou o chão maleável e, completamente vestido, deixou-se cair nas peles do leito. Sentia um cansaço de morte. O silêncio era total. Não escutava sequer a respiração da mãe. Lembrou-se da última vez que vira o pai, azul e de

olhos fechados, os braços partidos endireitados, a sua melhor espada desembainhada a seu lado, com os dedos cadavéricos a segurá-la. Pensou em Nalgron que descansava na terra por debaixo da tenda, reduzido a ossos, a espada enferrujada, os olhos agora abertos — cavidades vazias viradas para a terra sólida. Lembrou-se da ultima vez que vira o pai vivo: um manto largo de pele de lobo que se afastava, mesmo perseguido pelos avisos e ameaças de Mor. Então o esqueleto voltou-lhe à ideia. A noite era apropriada para fantasmas.

— Fafhrd? — chamou Mor baixinho do outro lado da tenda

Fafhrd ficou quieto e parou de respirar. Quando não pôde sustentar mais, deixou o ar sair e entrar, de boca aberta, numa respiração calada.

— Fafhrd? — a voz aumentara de volume, embora ainda um gemer fantasmagórico. — Ouvi-te entrar. Não estás a dormir.

Não valia a pena ficar calado.

— Também não dorme, mãe?

— Os velhos não precisam de dormir.

O que não era verdade, pensou ele. Mor não era velha, mesmo pelos critérios impiedosos do Canto Gélido. Por outro lado, era verdade. Mor tinha a idade da tribo, do Desertos, da própria morte.

Mor disse compostamente — (Fafhrd percebeu que devia estar deitada de costas, encarando o tecto):

— Estou de acordo que tomes Mara como esposa. De acordo, mas não contente. Temos necessidade de mais um par de mãos fortes, aqui, enquanto andares para aí a sonhar acordado, com os pensamentos disparados como setas sem rumo, a pensar em atrizes e outra gentalha comum. Além disso, já fizeste um filho a Mara e a família dela tem algum estatuto.

— A Mara falou consigo esta noite? — perguntou ele. Tentou manter a voz desinteressada, mas as palavras surgiram-lhe estranguladas.

— Como é o dever de qualquer Rapariga da Neve. Excepto que ela devia ter-me contado mais cedo. E tu, mais cedo ainda. Mas herdaste o triplo do silêncio do teu pai, bem como a mania dele de negligenciar a família e partir em aventuras inúteis. Em ti, contudo, a doença assume uma forma mais repulsiva. As amantes dele eram os cumes frios das montanhas, enquanto que tu és atraído pela civilização, essa pútrida emanção a sul, em que não existe um frio estóico natural que castigue a loucura e a luxúria e garanta que a decência seja mantida. Mas descobrirás que existe um frio traiçoeiro que te pode seguir para qualquer parte em Nehwon. O gelo, outrora, desceu para as terras do sul e cobriu o calor delas, como castigo por um ciclo anterior de maldade insinuante. E onde o frio um dia esteve, pode voltar a ir, pela feitiçaria. Virás a ter fé nisso, e libertares-te da

tua doença, ou terás a lição que o teu pai teve.

Fafhrd tentou soltar a acusação de assassina de seu pai que tão facilmente sugerira pela manhã, mas as palavras ficaram quietas, não na garganta, mas no espírito, que sentia ter sido invadido. Mor há muito que arrefecera o coração. Agora, no cérebro dele, criava cristais entre os seus pensamentos privados, os quais distorciam tudo e o impediam de usar contra ela as armas do dever, friamente executado e complementado por um raciocínio gélido que lhe permitia manter a integridade. Sentiu-se como se estivessem a cercá-lo, um mundo de frio eterno, na qual a rigidez do gelo e a rigidez da moralidade e a rigidez da escolha eram uma só.

Como se pressentindo vitória e se permitisse gozá-la, Mor continuou, com o mesmo tom mortiço e reflectido:

— Pois, o teu pai agora bem se arrepende de Gran Hanack, da Presa Branca, da Rainha de Gelo e de todas as outras montanhas. Vê lá se podem agora ajudá-lo. Já o esqueceram. Olha com buracos ao invés de olhos a casa que tanto desprezou e que agora tanto quer, tão perto e tão impossivelmente longe. Os dedos bem que arranham a terra gelada, que não o deixa virar-se no leito.

Fafhrd ouviu então um ligeiro arranhar, talvez das ramagens geladas contra a tenda de pano, o que lhe fez arrepiar os pelos da nuca. E contudo não podia mexer-se, como descobriu quando tentou levantar-se. A negrura ao redor dele era um peso imenso. Ponderou se Mor tinha tecido uma magia no chão que tapava o pai. Era contudo um maior peso que o dos três metros de terra gelada que se abatia sobre ele. Era o peso de todo o Canto Gélido e da conformidade, dos tabus e desprezos e menosprezos do Clã da Neve, da ganância de pirata e luxúria desmedida de Hringorl, do feliz alheamento de Mara e do seu espírito brilhante mas semi-cego, e ascendendo sobre eles, Mor, cristais de neve jorrando das pontas dos dedos ao tecer um feitiço de prisão.

E então pensou em Vlana.

Não terá sido este pensamento o culpado. Talvez uma estrela tenha passado pelo pequeno buraco de exaustão dos fumos da tenda nesse momento, incendiando-lhe o olhar. Podem ter sido os pulmões a expulsar o ar velho e a obrigar à entrada de ar novo, mostrando-lhe que os músculos ainda se mexiam.

Seja como for, levantou-se de um salto e correu para a porta. Não parou para desfazer os nós, pois sentia os dedos de gelo de Mor cravados nas costas. Rasgou a pele gasta e usada com um gesto elegante da mão direita em forma de garra e afastou-se logo da porta, pois os braços esqueléticos de Nalgron tentavam agarrá-lo, rasgando a terra gelada, trespassando o chão elevado.

E então correu como jamais correria. Como se todos os fantasmas do Deserto Gelado o perseguissem na noite — e de certa forma era o que acontecia. Passou pela última das tendas do Clã da Neve, às escuras, e a Tenda das Mulheres, que soltava um tinir suave, e fugiu para a encosta ligeira, cor de prata como a Lua, que dava caminho à curva ascendente do Desfiladeiro da Passagem dos Duendes. Sentiu vontade de pular da saliência, desafiando o ar para que o segurasse e o conduzisse para sul ou o soltasse num mergulho de esquecimento — e houve um instante em que não conseguia distinguir diferenças entre as opções. Por fim, fugia, não tanto por causa do frio e dos horrores sobrenaturais, mas de encontro à civilização, que voltava a ser um emblema luminoso do espírito, como se em resposta à mesquinhez em seu redor.

Abandonou um pouco, conseguindo recuperar um pouco de bom senso, resguardando-se contra quem ainda estivesse a pé, a par de demônios e espíritos.

Shadah, reparou, soltava um tremeluzir azul sobre os cumes dos pinheiros a oeste.

Quando chegou por fim ao Salão de Deus, o passo era normal, e passou entre o Salão e a berma do desfiladeiro, que já não chamava por si.

Percebeu que a tenda de Essedinex fora endireitada e havia de novo luz no interior. Nenhum outro verme cruzou a entrada da tenda de Vlana. O ramo do plátano coberto de neve por cima da tenda lançava dardos de luz sob o luar.

Irrompeu sem aviso pelas traseiras, soltando em silêncio as amarras do chão e forçando a passagem por entre a parede da tenda, pelos vestidos empilhados, entrando de cabeça e punho direito, empunhando prontamente a faca.

Vlana dormia, sozinha, de costas sobre o leito, um cobertor de lã de cor vermelha puxado até às axilas. A lâmpada ardia pequena e amarelada, e contudo soltava luz suficiente para revelar que não havia mais ninguém no interior. O braseiro, aberto e cheio, despejava calor.

Fafhrd entrou por inteiro, embainhou a faca, e ficou a observar a atriz. Os braços pareciam frágeis e as mãos pareciam ter dedos muito compridos e largos. Os olhos grandes — agora fechados — tornavam a cara mais pequena, no centro de uma cascata gloriosa de cabelo moreno. E, contudo, o rosto tornava-se particularmente nobre e sabedor quando o olhar caía nos lábios compridos, humedecidos, generosos, cuidadosamente pintados de carmim, imagem que lhe despertava tentações. Havia uma ligeira camada de unguento na pele, e um perfume que ele conseguia sentir.

Por momentos, a postura letárgica de Vlana fê-lo recordar-se de Mor e Nalgron, mas o pensamento foi instantaneamente afastado pelo calor feroz do braseiro, como se fosse um sol de ferro-forjado, pelas texturas ricas e graciosas dos instrumentos da civilização ao redor dele, e pela beleza e graça de Vlana, que parecia consciente de si mesma, ainda que a dormir. Era o sigilo da civilização.

Voltou ao monte de roupas empilhadas e começou a despir as suas, dobrando-as e arrumando-as com cuidado. Vlana não acordou, ou pelo menos os olhos não se abriram.

Voltando a enfiar-se, mais tarde, dentro do manto vermelho, tendo saído para ir à casa de banho, Fafhrd comentou:

— Fala-me agora da civilização e da tua participação nela.

Vlana engoliu metade da taça de vinho que ele lhe trouxera, espreguiçou-se com vontade, descansando a cabeça nos dedos entrelaçados.

— Bem, para começar, não sou uma princesa, embora goste de ser considerada como uma — disse com leveza. — Tenho de informar-te que não ficaste sequer com uma senhora entre mãos, meu querido. Quando à civilização, fede.

— Não — concordou ele —, tenho entre mãos a mais hábil e vistosa actriz de todo Nehwon. Mas porque tem a civilização um odor tão pútrido, na tua opinião?

— Creio que tenho de desiludir-te mais ainda, amor — disse Vlana, algo ausente enquanto se esfregava contra ele. — Senão ainda ficas com ideias parvas a meu respeito e engendras planos tolos.

— Se te referes a fingires ser prostituta para adquirires conhecimento erótico e outras formas... — começou ele.

Ela encarou-o com alguma surpresa e interrompeu-o abruptamente:

— De acordo com certos critérios, sou pior que uma prostituta. Sou uma ladra. Sim, carteirista e pilha-bolsas, enrola-bêbados, ladra e roubalheira. Nasci rapariga de quinta, o que penso que me torna menos que um caçador, alguém que vive da morte dos animais, se mantém afastado da sujidade e não colhe nada a não ser com a espada. Quando o pedaço de terra dos meus pais foi confiscado por uma artimanha legal para dar azo a uma vasta plantação de trigo dominada por Lankhmar e trabalhada por escravos, e por causa disso morreram ambos à fome, decidi vingar-me dos mercadores de trigo. A cidade de Lankhmar iria alimentar-me, pois, e bem!... e pagar-lhes apenas tostões e um ou dois arranhões profundos. Então fui para lá. Juntei-me a uma rapariga esperta que pensava da mesma forma e já tinha alguma experiência, fiz algum

sucesso durante duas rodadas das luas e mais algumas. Só trabalhávamos vestidas de preto, e chamávamo-nos o Par Preto.

«Sob essa máscara, dançávamos, mais nas horas do lusco-fusco, para ocupar tempo até entrarem os artistas principais. Mais tarde, começámos a fazer mímica, que nos ensinara um tal Hinerio, um actor famoso que se arruinou por causa do vinho e que era o velhote tremeliques mais querido e cavalheiro que vi pedinchar uma bebida logo pela manhã, ou tentar apalpar uma rapariga com um quarto da sua idade quando chegava à noite. E como te disse, tive algum sucesso... até começar a ter problemas com a lei, como os meus pais. Não, meu caro, com o tribunal do Regedor-Mor, nem com as suas prisões ou tarimbas ou blocos prende-cabeças, embora sejam desumanas. Mas com uma lei mais antiga que Lankhmar e um tribunal ainda mais impiedoso. Ou seja, o nosso disfarce acabou por ser descoberto pela Guilda dos Ladrões, uma organização muito antiga com participantes em todas as cidades do mundo civilizado e uma lei imutável contra a entrada de mulheres e um ódio profundo a todos os assaltantes livres. Já tinha ouvido falar da Guilda quando ainda estava na quinta, e esperava na minha inocência ser digna de pertencer-lhe, mas em breve descobriria o lema deles: «Mais depressa dou um beijo a uma cobra que um segredo a uma mulher». Já agora, meu doce estudante das artes da civilização, as mulheres que a Guilda precisa de usar como iscas ou para desviar atenções, aluga por meia hora à Guilda das Prostitutas.

«Tive sorte. Devia ter sido estrangulada lentamente, ao invés disso tropecei no corpo da minha amiga, pois tinha dado um salto a casa para buscar uma chave de que me tinha esquecido. Acendi uma lamparina no nosso recanto escuro, e deparei-me com a agonia lenta no rosto de Vilis e a corda de seda vermelha enterrada no pescoço. Mas o que me encheu de raiva furibunda e ódio gelado (além de uma dose de pânico de me derreter os joelhos) foi que tinham estrangulado o pobre Hinerio também. Vilis e eu, ao menos andávamos no gamanço, o que fazia de nós alvos pelos critérios pestilentos da civilização, mas ele não suspeitava sequer de nós. Pensava que teríamos outros amantes e, ou, clientes eróticos.

«Assim escapei-me de Lankhmar tão rápida como um caranguejo perseguido, olhos na nuca para ver se me seguiam, e em Ilthmar encontrei o grupo de actores de Essedinex, que se dirigiam para norte por ser época baixa. Felizmente, precisavam de um mimo principal e tinha habilidade suficiente para satisfazer o velho Seddy.

«Ao mesmo tempo fiz uma jura pela estrela da manhã que vingaria as mortes de Vilis e Hinerio. E um dia assim farei! Com planos adequados e ajuda e um novo disfarce. Não deixarei um único alto representante da Guilda dos Ladrões livre de sentir o que é apertarem-lhe a goela

um bocado de cada vez, e coisas piores!

«Mas este tema é horrível para uma manhã tão doce, amor, e falei dele apenas para te mostrar porque é que não te deves envolver com alguém tão manhosa e suja quanto eu.»

Vlana virou o corpo de forma a encostar-se ao de Fafhrd, e beijou-o do canto do lábio ao lóbulo da orelha, mas quando ele próprio tentou devolver-lhe as carícias, agarrou-lhe nas mãos viajantes e, sustentando-se nos braços dele, e assim prendendo-os, ergueu-se e presenteou-o com um olhar enigmático, ao mesmo tempo que dizia:

— Meu caro jovem, a manhã está cinzenta e em breve ficará cor de rosa, e tens de me deixar já, ou depois de mais umas carícias. Vai para casa, desposa aquela rapariga da árvore tão bonita e graciosa (pois agora tenho a certeza que não era um rapaz) e vive a tua vida de forma decente e longe dos truques da civilização. O Espectáculo faz as malas cedíssimo, depois de amanhã, e tenho o meu destino para cumprir. Quando o teu sangue arrefecer, só sentirás desprezo por mim. Não, não o negues... bem conheço os homens! Embora tenha uma certa esperança que, sendo como és, consigas lembrar-te de mim com algum prazer. Nesse caso só te dou um conselho: não deixes a tua mulher perceber!

Fafhrd devolveu-lhe o olhar:

— Princesa, já fui pirata, o que não é mais que um ladrão na água, que costuma atacar gente tão pobre quanto os teus pais. A barbárie não é mais bem cheirosa que a civilização. Todos os nossos movimentos nesta terra do gelo são comandados pelas leis de um deus enlouquecido, a que chamamos de costumes, e por irracionalidades sem sentido das quais não há fuga possível. Ao meu pai partiram-lhe os ossos até morrer por sentença de um tribunal que não ousou nomear. A sua ofensa: subir a uma montanha. E há assassinatos e roubos e chulices e... oh, as histórias que te poderia contar se...

Deteve-se para erguer as mãos que a seguravam acima dele, sustentando-a com delicadeza pelas axilas.

— Deixa-me acompanhar-te para sul, Vlana — disse com ânsia — como vosso membro ou sozinho, embora seja um bardo cantor, também faço manobras com a espada, malabarismos com quatro punhais no ar, e atinjo a dez passos um alvo do tamanho do meu polegar. E quando chegarmos a Lankhmar, talvez disfarçados como dois nortenhos, pois tu és alta, serei o teu braço direito na vingança. Também roubo em terra, acredita em mim, e persigo vítimas por becos tão sorrateiramente como por florestas. Posso...

Vlana, sustentada pelas mãos dele, tapou-lhe os lábios com a mão, acariciando o cabelo comprido dele com a outra.

— Meu querido, não duvido que sejas bravo e leal e talentoso pois tens dezoito anos. E fazes amor próprio da idade, bem o suficiente para segurares a tua miúda de peles brancas e sei lá se mais algumas se quiseres. Mas apesar das tuas palavras apaixonadas (perdoa-me a franqueza) sinto em ti honestidade, alguma nobreza, um sentido de justiça e um ódio da tortura. O capitão da minha vingança tem de ser cruel e traiçoeiro e atacar como uma cobra, e conhecer tanto quanto eu das manhas inconcebíveis das grandes cidades e das antigas guildas. E, para ser directa, deve ter a minha idade, da qual tu distas por quase todos os dedos das duas mãos. Vem cá, e beija-me, querido, e dá-me prazer mais uma vez, e...

Fafhrd ergueu-se de repente, levantou-a um pouco e sentou-a ligeiramente de lado no seu colo, agarrando-lhe nos ombros.

— Não — disse com firmeza. — Não vejo o que possa ganhar ao submeter-te mais uma vez aos meus carinhos inexperientes. Mas...

— Temia que reagisses assim — interrompeu ela tristemente. — Não pretendia...

— Mas — continuou com autoridade fria — quero perguntar-te: já escolheste o teu capitão?

— A isso não respondo — disse ela, encarando-o com a mesma frieza e segurança.

— É...? — começou, e fez-se calar, antes de pronunciar o nome de «Vellix».

Ela encarou-o com manifesta surpresa de qual seria o seu próximo gesto.

— Muito bem — disse ele, finalmente, libertando os ombros dela e soerguendo-se. — Tentaste agir no que consideras serem os meus melhores interesses, por isso gostava de pagar na mesma moeda. O que te vou contar condena a barbárie e a civilização ao mesmo tempo. — E falou-lhe do destino que Essedinex e Hringorl lhe haviam congelado.

Ela riu-se com prazer quando ele terminou, embora ele suspeitasse de uma palidez inédita na cara dela.

— Estou a perder qualidades — comentou Vlana. — Foi então por isso que a minha mímica subtil agradou tanto a Seddy, que tem gostos directos e rudes, e porque havia um lugar vago para mim na companhia, e porque não insisti que andasse a prestar serviços aos homens depois do Espectáculo, como as outras raparigas. — Encarou Fafhrd com dureza. — Uns brincalhões derrubaram a tenda de Seddy esta noite. Foste?...

Ele assentiu.

— Estava com um humor muito estranho, nessa ocasião, alegre mas furioso.

Riso honesto e deliciado ergueu-se da boca dela, seguido de mais um dos olhares acutilantes.

— Então não foste para casa quando te afastei depois do Espectáculo?

— Não, até mais tarde — disse ele. — Não: aguardei e observei.

Ela encarou-o com ternura e divertimento e curiosidade, numa pergunta directa:

— E o que viste?

Desta vez, ele não teve problemas em dizer o nome de Vellix.

— Então também és um cavalheiro — brincou. — Mas porque não me contaste mais cedo sobre as intenções de Hringorl? Pensaste que ficaria tão assustada que não faríamos amor?

— Sim, talvez — admitiu ele —, mas principalmente porque não tinha ainda decidido, até agora, contar-te. Para ser sincero, só voltei para ti esta noite porque fiquei assustado com fantasmas, embora depois tivesse percebido outras boas razões. Decerto, mesmo antes de ter entrado na tenda, o medo e a solidão (e algum ciúme, confesso), iam levar-me a que saltasse para o Desfiladeiro da Passagem dos Duendes ou enfiasse esquis e tentasse o salto quase impossível que há anos me desafia...

Ela agarrou-lhe no braço, enterrando os dedos.

— Nunca faças isso — disse muito a sério. — Agarra-te à vida. Pensa apenas em ti mesmo. O que é mau acaba sempre por dar lugar ao bom, ou ser esquecido.

— Pois era já no que pensava se deixasse o ar sobre o desfiladeiro decidir o meu destino. Iria suster-me ou largar-me? Mas o egoísmo, que tenho em sobra, não importa o que penses, acompanhado de um desdém de milagres, apagou-me à vida. E também estava meio a pensar derubar-te a tenda antes de ter feito o mesmo à do Mestre do Espectáculo. Pelo que há maldade em mim, como podes ver. Sim, e muita manha calada.

Ela não se riu, mas estudou-lhe a expressão de forma ponderada. Depois o olhar enigmático regressou-lhe ao rosto. Por uns instantes, Fafhrd pensou que poderia ver para além dele, e sentiu-se perturbado, pois o que julgou encontrar dentro daqueles olhos grandes e de íris castanhas não era uma sibila que encarava o universo do cimo da sua montanha, mas uma mercadora com balanças nas quais pesava os objectos com todo o cuidado, para depois anotar num livreco dívidas antigas e novos subornos e planos para negócios e lucros.

Mas foi só um olhar perturbador, pois o coração derreteu-lhe quando Vlana, que as suas mãos ainda seguravam, lhe sorriu e disse:

— Vou responder à tua questão, que não podia nem faria antes.

Pois só agora decidi que o meu capitão serás... tu. Abraça-me!

Fafhrd abraçou-a com tanta vontade e desejo que ela soltou um grito, mas antes que o corpo dele se manifestasse, ela afastou-se, dizendo sem fôlego:

— Espera, espera! Temos de fazer planos.

— Depois, meu amor. Depois — pediu, forçando-a a deitar-se.

— Não! — protestou com firmeza. — *Depois* perde batalhas para o *Tarde De Mais*. Se és capitão, sou general e dou-te instruções.

— Ouço e obedeço — disse ele, afastando-se. — Mas sê rápida.

— Temos de fugir do Canto Gélido antes do momento do rapto.

Hoje tenho de juntar as minhas coisas e providenciar um trenó, cavalos velozes e comida suficiente. Deixa isso por minha conta. Tu deves comportar-te como se nada fosse, longe de mim, não vão os nossos inimigos espiar-te, como é bem certo que Seddy ou Hringorl o façam...

— Está, bem está bem — concordou ele com ansiedade. — E agora, minha querida...

— Cala-te e tem paciência! Para sublimares a tua decepção, vais subir ao telhado do Salão de Deus bem antes do Espectáculo, como fizeste ontem à noite. Pode haver uma tentativa para me raptarem durante o mesmo... Hringorl ou os homens dele podem ficar ansiosos, ou talvez haja uma tentativa dele de evitar dar o ouro a Seddy... e de qualquer forma ficarei mais descansada se estiveres de vigia. Depois da apresentação com o vestido dos sinos de prata, encontra-te comigo nos estábulos. Vamos fugir durante o intervalo, quando estão todos demasiado interessados no que estará para vir para terem tempo para repararem em nós. Entendes-te? Vais manter-te afastado? Escondido no telhado? Encontramo-nos no intervalo? Muito bem! E agora, meu adorado capitão, afastai toda a disciplina. Esquecei cada átomo de respeito que me deves e...

Mas era agora a vez dele de adiar. O discurso de Vlana dera-lhe tempo para as suas preocupações voltarem à superfície e manteve-a afastada de si, embora ela o agarrasse pelo pescoço, mãos unidas, e tentasse juntar os corpos deles.

— Irei obedecer-te em cada detalhe. Mas vou dar-te um aviso que é vital para o que pretendes. Pensa o menos possível sobre o nosso plano, mesmo enquanto executes acções relacionadas com ele. Mantém os pensamentos escondidos atrás de outros. Como farei com os meus, está certa disso. Pois Mor, a minha mãe, é uma excelente leitora de mentes.

— A tua mãe! É mesmo verdade que a tens em grande conta, querido, de uma forma que me impele a salvar-te o mais rapidamente possível... ah, não me afastes! Falas dela como se fosse a Rainha das Bruxas.

— E é o que é, não te enganes — assegurou-a. — É a grande ara-

nha branca, e o Deserto Gelado, quer em cima quer em baixo, é a sua teia, na qual nós, as moscas, temos de avançar na ponta dos pés e com muito cuidado. Vais ter atenção?

— Sim, sim, sim! E agora...

Ele baixou-a de encontro a si, lentamente, como um homem deposita um saco de vinho na boca, saboreando o momento. Os corpos encontraram-se. Os lábios uniram-se.

Fafhrd apercebeu-se de um profundo silêncio por cima deles, ao redor, por baixo, como se a própria terra suspendesse a respiração. Aterrorizou-o.

Beijaram-se, bebendo-se mutuamente, e o medo desapareceu.

Separaram-se para respirar. Fafhrd levantou o braço para cessar o tremeluzir da chama da lamparina, mergulhando a tenda em escuridão, apenas cortada pelo tom prateado da madrugada que entrava pelos buracos e aberturas. Magoou os dedos. Perguntou-se porque o teria feito — já tinham feito amor às claras antes. O medo voltou.

Abraçou-se a Vlana no aperto que bane todos os receios.

E de súbito — não percebeu porquê — estava a empurrá-la, rolando, para a parte de trás da tenda. As mãos a agarrarem-lhe os ombros, as pernas em torno das suas, puxava-a para cima de si e depois a si mesmo por cima dela, sem parar.

Sentiu-se um estalido de trovão e o embate de um punho gigante contra o chão empedernido por detrás deles, e logo no meio da tenda deixou de haver tecto, os suportes deram de si, levando com eles a estrutura protectora.

Rolaram para cima dos vestidos empilhados que agora tombavam. Ouviu-se um novo estalar e depois um tombo e um estalar como uma besta medonha que tomava um insecto entre as patas e o esmagava. A terra tremeu por instantes.

E então seguiu-se a bonança, calara-se o troar e o tremor deteveu-se, aparte o terror que ainda lhes soava nos ouvidos, bem como a incredulidade. Agarraram-se um ao outro como bebés assustados.

Fafhrd foi o primeiro a recompor-se.

— Veste-te! — urgiu a Vlana, esgueirando-se por baixo das traseiras da tenda, e soerguendo-se no frio, que lhe mordía a nudez.

O grande ramo do plátano de neve, os cristais dispersos por um terreno vasto, jazia sobre o centro da tenda, comprimindo-a contra o chão.

O resto da árvore, despojada do apoio do ramo, tombara ainda inteira na direcção oposta, onde jazia entre cristais de gelo dispersos. As raízes enegrecidas, múltiplas, estavam expostas.

Os cristais brilhavam com a palidez de pele humana ao sol.

Nada se movia, nem sequer o fumo de um pequeno-almoço em preparação. A feitiçaria executara um ataque de mestre e ninguém se apercebera, a não ser as vítimas.

Fafhrd, começando a tremer, voltou para dentro. Vlana obedecera-lhe, e vestia-se com a prontidão de uma actriz. Ele também se apressou para dentro das vestes, empilhadas fortuitamente naquela ponta da tenda. Pensou se teria estado a seguir as ordens de algum deus por ter colocado ali as roupas e por ter apagado a lamparina, que teria feito incendiar a tenda.

As suas roupas estavam mais geladas que o próprio ar, mas ele bem sabia que isso iria mudar.

Saiu na companhia de Vlana. Ao erguerem-se, mostrou-lhe o ramo caído e o monte de cristais em volta dele, dizendo:

— Ri-te agora dos bruxedos da minha mãe e do bando das Mulheres da Neve.

Ela disse com alguma dúvida:

— Vejo apenas um ramo que sucumbiu ao peso do gelo.

— Compara a massa de cristais e neve que estavam sobre o ramo com aquela acolá. Lembra-te: esconde os teus pensamentos!

Ela ficou silenciosa.

Uma figura negra corria na direcção deles, vinda das tendas dos mercadores. Cresceu em tamanho ao aproximar-se grotescamente.

Vellix, o Aventureiro, estava sem fôlego quando se deteve e agarrou em Vlana pelos braços. Controlando a respiração, disse:

— Sonhei que morrias esmagada. Foi quando um trovão me acordou.

— Sonhaste o que teria sido realidade, mas num assunto destes — disse ela —, «teria sido» é tão bom como «não foi».

Vellix finalmente descobriu a presença de Fafhrd. Linhas de raiva ciumenta gravaram-se-lhe no rosto e a mão correu à procura da faca à cintura.

— Pára! — comandou ela bruscamente. — Teria mesmo sido esmagada, não fosse o sexto sentido deste jovem, que deveria estar absorvido com outros assuntos, perceber a queda eminente do ramo. Retirou-me do caminho da morte no último minuto. Fafhrd é seu nome.

Vellix alterou o movimento da mão para formar uma vénia curta, estendendo o outro braço.

— Muito lhe devo, meu jovem — disse calorosamente, e depois, após uma pausa — por ter salvo a vida de tão notável artista.

Outras silhuetas destacavam-se já, algumas correndo na direcção

deles vindas das tendas dos actores, outras mantendo-se à porta das tendas mais afastadas da Tribo da Neve e não se movendo.

Premindo o rosto contra o de Fafhrd, como se num agradecimento formal, Vlana murmurou rapidamente:

— Lembra-te do meu plano para hoje à noite e para a nossa fuga rápida. Não te desvies dele um milímetro. Não sejas visto.

Fafhrd ainda disse:

— Cautela com neve e gelo. Age sem pensar.

Para Vellix, Vlana disse com maior distanciamento, embora com cortesia e bondade:

— Obrigada, senhor, pela sua preocupação, quer nos sonhos quer em presença.

Envolto no robe de pele, cujo colarinho lhe cobria as orelhas, Es-sedinx saudou com humor roufeno:

— Tem sido uma noite dura para as tendas.

Vlana encolheu os ombros.

As mulheres da companhia teatral rodearam-na com perguntas ansiosas e ela conferenciou com elas em privado enquanto se dirigiam para a tenda dos actores e entravam pela abertura reservada às raparigas.

Vellix franziu o cenho ao vê-la partir e revirou o bigode preto.

Os actores masculinos encararam a ruína da tenda semi-cilíndrica abanando as cabeças de espanto.

Vellix disse a Fafhrd amistosamente:

— Ofereci-lhe brande anteriormente, mas creio que agora é que precisa dele. E desde a manhã de ontem que tenho tido vontade de falar consigo.

— Peço o seu perdão, mas se me sentar, sei que não conseguirei manter-me acordado para ouvir uma única palavra, mesmo se a conversa tiver a sabedoria das corujas, ou sequer para apreciar uma bebida — respondeu amavelmente Fafhrd, ocultando um bocejo profundo que era apenas meio fingido. — Mas agradeço-lhe profusamente.

— Parece que tenho a sina de convidar nos momentos errados — comentou Vellix com um encolher de ombros. — Talvez ao meio-dia? Ou a meio da tarde? — acrescentou levemente.

— A última escolha, se lhe aprouver — respondeu Fafhrd, e afastou-se com prontidão, dando grandes passadas em direcção às tendas dos mercadores. Vellix não tentou acompanhá-lo.

Fafhrd sentia-se mais satisfeito do que nunca na vida. Pensar que logo à noite iria fugir daquele estúpido mundo de neve e das mulheres castradoras de homens quase lhe fez sentir nostalgia pelo Canto Gélido. Guarda o pensamento!, admoestou-se. Havia a sensação de uma ameaça

espectral, ou então era a sua fome que lhe fazia ver espíritos, como se presenciasse novamente uma cena da infância.

Esvaziou uma caneca de vinho de porcelana branca que os amigos mingóis Zax e Effendrit lhe tinham passado, e deixou-os conduzirem-no para o leito escondido entre pilhas de peles, onde caiu num sono profundo.

Depois de eras de escuridão absoluta e almofadada, as luzes surgiram suavemente. Fafhrd estava sentado ao lado de Nelgron, o pai, numa mesa de banquete decorada com imensa comida ainda a fumer de quente, e todos os vinhos fortes em jarros de barro, pedra, prata, cristal e ouro. Outros foliões dispersavam-se ao longo da mesa, mas Fafhrd não conseguia distinguir nada a não ser as silhuetas deles, e o tom sonolento das suas conversas murmuradas, como rios incessantes, por vezes cortadas por ataques ocasionais de riso em surdina, como ondas que vão e vêm sem parar numa praia de gravilha. Ao mesmo tempo, o bater de facas e colheres entre si e contra pratos era como o marulhar dos calhaus contra a maré.

Nalgron apresentava-se com peles de urso da neve das mais brancas, com pingentes e pulseiras e anéis de prata pura, e havia também prata no cabelo dele, o que perturbou Fafhrd. Na mão esquerda segurava uma taça prateada, que a intervalos levava aos lábios, mas manteve a deglutição oculta pelo capuz.

Nalgron discursava de forma sábia, tolerante, quase terna se vista sob certo olhar. Lançava o olhar para este lado e para aquele ao longo da mesa, e contudo falava tão baixinho que Fafhrd percebeu que a conversa apenas se dirigia ao filho.

Fafhrd também percebeu que devia estar à escuta de cada palavra e a guardar cuidadosamente todos os aforismos, pois Nalgron falava sobre a coragem, a honra, a prudência, a ponderação no dar e o cuidado no manter da promessa, de seguir o coração, de fixar e perseverar em atingir um ideal nobre e romântico, da honestidade para si mesmo acima de tudo mas especialmente em reconhecer quais as repulsas e desejos íntimos, da necessidade de fechar os olhos aos medos e falas das mulheres, e contudo poder perdoar-lhes as invejas, os impedimentos, e mesmo a maldade extrema, pois todas estas coisas provinham de um amor desgovernado, por ti ou por outro alguém, e de muitos e diferentes assuntos muito úteis para um jovem quase a tornar-se num homem.

Mas embora percebesse a importância, Fafhrd ouvia o pai apenas aos bocados, pois estava perturbado pela palidez do rosto dele e pela magreza dos fortes dedos que seguravam delicadamente a taça de prata, e pela cor grisalha do cabelo, e pelo tom azulado dos lábios rubis, embora Nalgron parecesse seguro de si mesmo e até dançarino no andar, nos

gestos, nas palavras, que o fazia procurar constantemente nas bandejas e tigelas fumegantes ao pé de si por porções suculentas que pudesse colocar no prato abundante de Nalgron e que lhe saciasse o apetite.

Sempre que o fazia, Nalgron encarava-o com um sorriso e um aceno de cortesia, e com amor nos olhos, e depois levava a taça aos lábios e regressava ao discurso, mas nunca descobria o que tinha na mão com que se alimentava.

À medida que o festim prosseguia, Nalgron começou a abordar assuntos cada vez mais importantes, embora Fafhrd agora escutasse apenas uma das palavras preciosas, tão preocupado se sentia com a saúde do pai. A pele fina esticava-se ao ponto de rebentar nas maçãs do rosto salientes, os olhos brilhantes estavam cada vez mais enterrados e negros, as veias azuis mais salientes sobre os tendões vermelhos da mão que delicadamente segurava na taça prateada — e Fafhrd começou a suspeitar que, embora Nalgron deixasse o vinho molhar-lhe os lábios, não bebia uma única gota.

— Coma, meu pai — pediu Fafhrd numa voz baixa cheia de preocupação. — Ou beba, pelo menos.

De novo o olhar, o sorriso, o aceno amistoso, os olhos cada vez mais cheios de amor, o toque breve da taça contra lábios fechados, o olhar que se desviava, retomado o discurso tranquilo, ininteligível.

E agora Fafhrd sentia medo, pois as luzes tornavam-se azuis e percebeu que nenhum dos convivas sem feições, escuros, tinha erguido sequer uma mão, ou copo, à boca, embora fizessem um barulho incessante com os talheres. O cuidado com o pai passou a agonia e antes de perceber exactamente o que fazia, puxou-lhe o capuz para trás e agarrou-lhe o pulso direito, atirando-lhe a mão com que se alimentava para o prato recheado.

Nalgron não acenava desta vez, mas projectava a cabeça para Fafhrd, sem sorrisos, num esgar que lhe revelava os dentes de marfim azul, e os olhos estavam frios, frios, frios.

O braço e mão que Fafhrd agarrava, sentiam-se como se fossem, pareciam ser, *eram* ossos castanhos.

Arrepiando-se violentamente por todo o corpo, mas principalmente nos braços, Fafhrd retrocedeu com a rapidez de uma cobra que se recolhe debaixo de um assento.

Nesse instante sentiu-se não a abanar, mas a ser abanado por mãos fortes cobertas de carne que lhe agarravam os ombros e, ao invés da escuridão, viu a silhueta vagamente translúcida da tenda mingol e, no lugar do rosto do pai, a cara esquelética de bigode preto, calma e no entanto preocupada, de Vellix, o Aventureiro.

Fafhrd olhou-o no meio do torpor, depois sacudiu ombros e cabeça para recuperar o ânimo e afastar as mãos do outro.

Mas Vellix tinha-o já largado e sentava-se na pilha de peles mais junto de si.

— Os meus perdões, jovem guerreiro — disse solenemente. — Mas parecia estar imerso num daqueles sonhos que homem nenhum merece ter.

O maneirismo e o tom de voz eram iguais aos do pesadelo-Nalgron. Fafhrd apoiou-se num cotovelo, bocejou, e com um esgar rápido abanou-se outra vez.

— Há frio no seu corpo ou no espírito ou em ambos — disse Vellix. — Temos então uma boa desculpa para o brande que prometi.

Apresentou duas pequenas canecas prateadas numa das mãos, e na outra uma garrafa de brande cuja rolha retirou com o indicador e polegar.

Fafhrd encolheu-se por dentro ao ver o acabamento negro das canecas e pensar no que poderia estar depositado ou incrustado no fundo delas, ou talvez apenas numa. Afinal, este homem, lembrou-se a si mesmo, era seu rival nos afectos de Vlana.

— Espere — disse a Vellix quando este se preparava para encher. — Um copo de prata entrava no meu sonho, e não era um bom presságio. Zax! — chamou o mingol que guardava a entrada da tenda. — Uma caneca de porcelana, por favor!

— Encara o sonho como um aviso contra beber em copos de prata? — perguntou Vellix cautelosamente com um sorriso ambíguo.

— Não — respondeu Fafhrd —, mas abriu uma antipatia no meu espírito, e ainda cá se encontra. — Espantou-se um pouco como teriam os mingóis deixado Vellix entrar tão casualmente e sentar-se ao seu lado. Talvez os três fossem velhos conhecidos das zonas de mercadores. Ou talvez à força de suborno.

Vellix soltou uma risada e ficou mais descontraído.

— Pois, e também adoptei maneiras porcas, vivendo sem mulher ou criado. Effendrit! Traz duas canecas de porcelana, limpas como sobrieiros sem cortiça!

Era mesmo o outro mingol que guardava a porta — Vellix conhecia-os melhor que Fafhrd. O Aventureiro entregou-lhe de imediato uma das canecas brancas reluzentes. Deitou um pouco da bebida, que fazia cócegas no nariz, na sua caneca, depois encheu mais generosamente a de Fafhrd, depois mais para si próprio — como se a demonstrar que a bebida de Fafhrd não podia estar envenenada ou drogada. E Fafhrd, que observara atentamente, não viu nenhum truque na demonstração. Toca-

ram com as canecas uma na outra, e depois de Vellix beber profusamente, Fafhhd provou com cautela. Aquilo ardia pouco.

— É a minha última garrafa — disse Vellix alegremente. — Troquei todas as que tinha por âmbar, pedras preciosas de neve e outras coisas pequenas... sim, e a minha tenda e carroça, tudo menos os meus dois cavalos, os meus instrumentos e as rações de Inverno.

— Ouvi dizer que os seus cavalos são os mais velozes e sólidos das Estepes — comentou Fafhhd.

— Isso é uma afirmação exagerada. Neste lugar estão entre os melhores, isso não há dúvida.

— Neste lugar! — disse Fafhhd com desprezo.

Vellix encarou-o como o fizera Nalgron durante o sonho, exceptuando no final. Depois disse:

— Fafhhd... posso chamá-lo assim? Chame-me Vellix. Posso fazer uma sugestão? Posso dar-lhe um conselho como o faria a um filho meu?

— Com certeza — respondeu este, sentindo-se não só desconfortável como desatento.

— Está claramente inquieto e insatisfeito com este lugar. Como estaria qualquer jovem saudável com a sua idade, em qualquer lugar deste mundo. O mundo inteiro chama por si. Tem uma comichão nos pés. E contudo deixe-me dizer isto: é preciso mais que manha e prudência (pois, e sabedoria também) para lidar com a civilização e encontrar conforto. Isso requer esperteza, um rebaixar de nós mesmos como a civilização se rebaixa. Não se pode ascender ao sucesso nesses meandros como se ascende a uma montanha, não importa se gelada e traiçoeira. Esta requer o nosso melhor. A civilização, grande parte do nosso pior, uma maldade calculada que ainda não experimentou, e não precisa. Nasci renegado. O meu pai pertenceu às Oito Cidades e cavalgou com os mingóis. Desejo agora que tivesse ficado nas Estepes, apesar de cruéis, pois não se encontram manchadas pela chamada corrupta de Lankhmar e das Terras do Levante.

«Bem sei que as gentes aqui têm vistas curtas, e são apegados aos costumes. Mas comparados com os espíritos malvados da civilização, são rectos como pinheiros. Com os teus dons naturais facilmente chegarás a chefe, aqui... ainda mais, um líder, que reúna uma dúzia de clãs e torne os nortenhos num poder que defronte as outras nações. Depois, se quiseres, poderás desafiar a civilização. Por teus próprios termos, não os dela.»

Os pensamentos e sentimentos de Fafhhd eram como água turva, embora no aspecto exterior aparentasse uma calma espantosa. Havia até

uma corrente de gáudio nele, pois Vellix sentia que o jovem tinha uma forte hipótese de conquistar Vlana e logo tentava suborná-lo com elogios e álcool.

Mas a marcar todas as outras correntes, como um odor distintivo, estava a impressão, difícil de abandonar, que o Aventureiro não estava a dissimular totalmente, que se sentia mesmo como um pai em respeito a Fafhrd, que estava mesmo a tentar evitar que se magoasse, que as suas palavras sobre a civilização tinham fundamento. Claro que também podia ser porque Vellix se sentia tão seguro com Vlana que se podia dar ao luxo de ser bondoso para um rival.

E contudo...

E contudo, Fafhrd sentia-se mais desconfortável agora do que se tinha sentido antes.

Esvaziou a caneca.

— O seu conselho é bem pensado, senhor... desculpe, Vellix. Vou tomá-lo em consideração.

Recusando outra bebida com um abanar de cabeça e um sorriso, ergueu-se e endireitou as roupas.

— Pensava ter uma conversa mais longa — disse Vellix, não se levantando.

— Tenho assuntos a tratar — disse Fafhrd. — Os meus profundos agradecimentos.

Vellix sorriu pensativamente ao retirar-se. O caminho de neve pisada que serpenteava entre as tendas dos mercadores estava pejado de ruídos e negociações. Enquanto Fafhrd dormia, os homens da Tribo do Gelo e metade dos Companheiros Glaciares tinham chegado e reuniam-se em torno de dois fogos solares — assim denominados pela dimensão, calor e altura das chamas bailarinas — a engolir carne fumegante, a rirem-se e a falarem em companhia uns dos outros. De ambos os lados viam-se oásis de compras e negócios, rodeados por audiências que se mantinham por perto ou bem afastadas, conforme o escalão dos envolvidos nas negociações. Antigos camaradas encontravam-se e berravam saudações e por vezes irrompiam pela multidão para se cumprimentarem. Comida e bebida eram entornadas, desafios lançados e aceites, ou então recebidos com gozo. Bardos cantavam e riam-se como perdidos.

O tumulto irritou Fafhrd, que precisava de paz para desatar Vellix da imagem de Nalgron que trazia na alma, e banir as vagas dúvidas relativas a Vlana e à tal civilização incivilizada. Avançou como um sonâmbulo, sentindo mas sem reagir às cotoveladas e empurrões.

E de súbito despertou, pois pensou ver as figuras de Hor e Harrax dirigirem-se para si, no meio da multidão, e percebeu logo a intenção nos

seus olhos. Virando-se no fluxo dos transeuntes, viu também Hrey, outra das criaturas de Hringorl, a acercar-se dele.

A intenção do trio era clara. Sob o pretexto da brincadeira e camaradagem, iam espancá-lo violentamente ou algo pior.

Preocupado com Vellix, tinha-se esquecido do inimigo e rival mais certo, o brutalmente directo, embora manhoso, Hringorl.

E então os três estavam em volta dele. Num instante parado no tempo, notou que Hor usava uma maça pequena, e que os punhos de Harrax eram extraordinariamente largos, como se segurassem pedra ou metal para intensificar os golpes.

Atirou-se para trás, como se fosse escapar entre os outros e Hrey, depois inverteu a direcção subitamente e com um berro forte desatou a correr de encontro à fogueira. Cabeças viraram-se para seguir o grito e alguns, espantados, saíram do caminho. Mas os homens das Tribos do Gelo e os Companheiros Glaciares tiveram tempo para perceber o que acontecia: um jovem alto perseguido por três patifes. Aquilo prometia espectáculo. Dispersaram-se para os dois lados da fogueira para lhe bloquear a passagem. Fafhrd tentou primeiro o lado esquerdo, depois o direito. Encantados, os outros apertaram o bloqueio.

Suspendendo a respiração e erguendo um braço para resguardar os olhos, Fafhrd saltou directamente sobre as chamas, que lhe sopraram ao alto as pregas do manto de pele. Sentiu a baforada de calor nas mãos e no pescoço.

Saiu com as peles a soltarem fumo, chamas azuis a devorarem-lhe o cabelo. Ainda havia gente no seu caminho, com excepção de um espaço atapetado, limpo e coberto entre duas tendas, onde chefes e sacerdotes se sentavam em redor de uma mesa baixa e um mercador pesava pó de ouro numa balança.

Ouviu atrás dele encontrões e gritos, alguém disse «Corre, cobarde», outro, «Queremos luta, queremos luta», viu o rosto de Mara adiante, encarnada e excitada.

Então o grande líder das Terras do Norte — como se considerou naquele preciso instante — atravessou o espaço a correr, passando pela mesa, derrubando mercador e chefes, lançando balança e pó de ouro aos ventos antes de aterrar no banco de neve mais adiante.

Deu duas voltas sobre si mesmo para se assegurar de que apagava todos os fogos na sua pessoa, depois pôs-se de pé e correu como um veado para a floresta, seguido por torrentes de ameaças e de risos.

Cinquenta largos troncos de árvore depois parou abruptamente na desolação gelada e suspendeu a respiração enquanto escutava. Não ouviu nenhum som de perseguição, apenas o próprio bater cardíaco. Passou

a mão pelo cabelo queimado e fedorento, e sacudiu as peles também mal cheirosas do fogo.

Depois aguardou que a respiração se aquietasse e a atenção se expandisse. Foi durante esta pausa que fez uma descoberta desconcertante. Pela primeira vez na sua vida a floresta, que fora sempre o seu refúgio, a sua tenda do tamanho de um continente, o seu quarto privado tapado por pinheiros, parecia-lhe hostil, como se as próprias árvores e a mãe-terra na qual repousavam raízes conhecessem a sua recusa, o seu repúdio, o divórcio tão esperado da terra natal. Não era o silêncio habitual nem a sinistra e suspeita qualidade dos sons ligeiros que começava finalmente a ouvir: o raspar de uma pequena garra num tronco, as passadas de pequenas patas, o pio de uma coruja distante que antecipava a noite. Estes eram meros efeitos, ou pelo menos detalhes. Era algo inominável, intangível, e contudo profundo, como um deus a franzir o cenho. Ou uma deusa.

Sentia-se muito deprimido. Ao mesmo tempo, o coração nunca tinha ficado tão endurecido.

Quando finalmente se dispôs a partir, fê-lo tão silenciosamente quando pôde, e não da sua habitual forma relaxada e aberta, antes com um nervosismo à flor da pele e uma prontidão a reagir como um batedor em território inimigo.

E ainda bem que o fez, porque não teria, de outra forma, evitado a queda quase imperceptível de um pingente de gelo, aguçado, pesado e comprido como o míssil de uma catapulta de assalto, nem a vergastada de um ramo morto que soçobrava ante o peso da neve, partindo-se com um estrondoso estalo, nem o ataque venenoso da cabeça de uma cobra-de-neve que descansava exposta onde não era habitual, nem a patada lateral das estreitas e cruéis garras de um leopardo-da-neve que pareceu materializar-se no ar frígido e desaparecer com igual rapidez quando Fafhrd escapou ao primeiro ataque e o enfrentou com a adaga erguida. Nem teria descoberto a tempo o laço de caça estrangulador, que tinha sido montado fora do que era hábito, numa área tão perto das tendas, e suficientemente forte para matar, não uma lebre, mas um urso.

Perguntava-se onde estaria Mor e o que cantaria ou estaria a murmurar. Teria sido erro dele ter sonhado com Nelgron? Apesar da maldição da véspera — e outras antes dessa — e das ameaças evidentes da noite anterior, nunca antes imaginara verdadeiramente que a mãe o tentasse matar. Mas agora os pêlos da nuca erguiam-se com apreensão e terror, o olhar vigilante dos olhos mostrava-se febril e selvagem, e um fio de sangue escorria-lhe do corte no rosto onde o grande pingente de gelo o tinha cortado.

Estava tão concentrado na detecção de perigos que foi com al-

guma surpresa que se descobriu na fenda em que Mara e ele se tinham encontrado na véspera, os pés assentes no trilho estreito que conduzia a casa. Relaxou então um pouco, embainhando a adaga e levando uma mão cheia de neve ao corte na cara — mas apenas um pouco, pois apercebeu-se que alguém se aproximava, mesmo antes de ter escutado os passos. Enterrou-se tão silenciosa e completamente no cenário branco que Mara só o descobriu quando estava a três passos de distância.

— Magoaram-te — exclamou.

— Não — disse apenas, ainda atento aos perigos da floresta.

— Mas a neve vermelha na tua cara. Chegaram a lutar?

— Foi um corte feito na mata. Corri mais depressa que eles.

O olhar de preocupação dela esvaiu-se.

— Foi a primeira vez que te vi fugir de uma luta.

— Não estava para me defender de três ou se calhar mais — disse ele, muito directo.

— Porque estás a olhar para trás? Vêm atrás de ti?

— Não.

A expressão dela ficou mais dura.

— Os anciões estão furiosos. Os mais novos chamam-te cobardolas. Entre eles, o meu irmão. Não sabia o que dizer.

— Os teus irmãos! — exclamou Fafhrd. — O Clá pestilento da Neve que me chame o que quiser, não me interessa.

Mara enterrou os punhos nas ancas.

— Pois tu andas muito solto nos insultos ultimamente. Não vou admiti-los a respeito da minha família, ouviste? Nem a meu respeito, agora que penso nisso. — Respirava de forma pesada. — Ontem à noite voltaste aos braços daquela megera dançarina, aquela que é velha e enrugada. Passaste quatro horas na tenda dela.

— Não é verdade! — negou ele, pensando *No máximo uma hora e meia*. A discussão estava a aquecer-lhe o sangue e a afastar o medo do sobrenatural.

— Mentiroso! Todo o acampamento fala disso. Qualquer outra rapariga já teria enviado os irmãos, ao invés de vir ela mesma.

Fafhrd regressou ao seu modo matreiro quase num salto. No dia antes de todos os dias, não devia arriscar ter problemas desnecessários — ser aleijado, ou até morto.

Estratagemas, meu caro, estratégias, disse a si mesmo, enquanto se acercava ansiosamente de Mara, exclamando com um tom magoado e meloso:

— Mara, minha princesa, como é que podes pensar isso de mim, que te quero mais do que...

— Afasta-te de mim, mentiroso, aldrabão!

— E tu que trazes o meu filho no ventre — insistiu, tentando ainda abraçá-la. — Como vai o bebé?

— Cospe no pai. Afasta-te, já disse.

— Mas se quero tocar na tua pele delicada, que é o meu único bálsamo deste lado do Inferno, mais bela entre todas, agora mais bela que vais ser mãe.

— Vai para o Inferno, então. E pára com essas falsidades. A tua actuação não enganaria uma égua bêbada. Patife!

Espicaçado, sentindo o sangue aquecer-lhe, Fafhrd retorquiu:

— E as tuas mentiras? Ainda ontem dizias que controlavas a minha mãe e a porias do nosso lado. Ao invés disso, foste logo bufar que estavas grávida do meu filho.

— Só depois de te ter apanhado a fazer olhinhos à actriz. E quais mentiras, se isso era verdade? Bem tentas enrolar-me.

Fafhrd distanciou-se, cruzando os braços.

— Esposa minha tem de ser-me sincera, tem de perguntar-me antes de agir, tem de comportar-se como a companheira de um líder em potencial. Parece-me que não cumpres nenhum destes pontos.

— Ser-te sincera? Olha quem fala! — o rosto tornou-se desagradavelmente vermelho de fúria. — Líder em potencial! Limita-te a primeiro seres chamado de homem pelo Clã da Neve, o que ainda não conseguiste. Escuta-me, meu manhoso e mentiroso. Vais pedir-me perdão de joelhos e vens comigo pedir a minha mão em casamento à minha mãe e tias, ou senão...

— Mais depressa me ajoelharia perante uma serpente! Ou me casaria com uma urso! — berrou Fafhrd, esquecido dos pensamentos de estratégia.

— Vou enviar os meus irmãos atrás de ti — berrou ela de volta. — Campónio covarde!

Fafhrd ergueu o punho, baixou-o, levou às mãos à cabeça e abanou-a num gesto de desespero enlouquecido, depois subitamente passou por ela a correr em direcção ao acampamento.

— Vou pôr toda a tribo contra ti! Vou contar tudo à Tenda das Mulheres. Vou contar à tua mãe... — berrava Mara atrás dele, a voz desvanecendo-se entre as ramagens, os troncos, a neve, a distância.

Mal parando para reparar se alguém se encontrava no espaço das tendas do Clã da Neve, quer porque estavam no mercado quer no interior a preparar a ceia, Fafhrd aproximou-se da árvore do tesouro e escancarou a porta do esconderijo. Partiu uma unha e rogou pragas por causa disso, mas lá retirou o arco e as flechas e os foguetes embrulhados na pele de

focas, e juntou-lhes ainda o melhor par de esquis e os bastões de suporte, um embrulho ligeiramente mais pequeno que continha a segunda melhor espada do pai, bem oleada, e uma bolsa de instrumentos diversos. Lançando-os para a neve, foi rápido a atar os itens maiores num único pacote, que pôs aos ombros.

Um momento de indecisão depois, irrompeu pela tenda de Mor, retirando do bolso um pequeno porta-fogos de pedra-espuma, e encheu-o com carvão ardente do fogo, deitou cinzas sobre este, fechou o pote bem fechado, e colocou-o de novo no bolso.

Voltando-se cheio de pressa para a porta, deparou com Mor, uma silhueta alta contornada a branco e com sombras no rosto.

— Vais então abandonar-me e ao Deserto. Para não voltares. Assim pensas.

Fafhrd não encontrou palavras.

— Mas irás voltar. Virás a rastejar nas quatro patas, ou mais afortunadamente sobre duas, mas espero que não estendido sem vida numa maca feita de lanças, assim que pesem sobre ti os teus deveres e o teu nascimento.

Fafhrd compôs uma resposta amarga, mas as próprias palavras mantinham-no calado. Avançou para Mor.

— Afaste-se, mãe — pediu num murmúrio.

Ela não se mexeu.

Maxilares cerrados num esgar terrível de tensão, lançou os braços, agarrou-a pelas axilas — a pele dele arrepiou-se — e afastou-a para o lado. Sentiu-a retesada e fria como o gelo. Não protestou. Ele não era capaz de a encarar no rosto.

Uma vez no exterior, avançou num passo lesto para o Salão dos Deuses, mas encontrou homens no caminho — quatro robustos rapazes louros flanqueados por uma dúzia de outros.

Mara fora chamar ao mercado, não só os irmãos como todos os homens disponíveis.

E contudo agora parecia arrependida do acto, pois ia agarrada ao braço do irmão mais velho, arrastada, e conversando ansiosamente com ele, a ajuizar pela expressão e pelo movimento dos lábios.

O mais velho caminhava como se ela não estivesse ali. E assim que o olhar dele encontrou Fafhrd, lançou um grito de alegria, soltou-se do aperto da irmã e começou a correr, seguido pelos outros. Todos transportavam maçãs ou espadas embainhadas.

Mara estava desesperada.

— Foge, meu amor! — mas Fafhrd já antecipara o pedido por duas pulsações. Virou-se e fugiu para a mata, com o embrulho comprido

e apertado a bater-lhe nas costas. Quando o caminho da fuga se juntou ao trilho de pegadas que fizera quando saíra a correr da floresta, começou a pisar exactamente em cada pegada sem perder velocidade.

Atrás dele berravam: «Cobarde!» Ele apressou o passo.

Quando atingiu as saliências de granito, no interior da floresta, virou-se abruptamente para a direita e, saltando de pedra nua em pedra nua, sem produzir uma pegada extra, alcançou um rochedo de granito baixo e escalou-o apenas com dois puxões de mão, depois correu até que a berma dos rochedos o escondesse da vista de quem quer que passasse lá em baixo.

Escutou a perseguição a entrar na mata, berros furiosos que contornavam árvores e embatiam uns nos outros, e finalmente uma voz so-branceira a mandar calar as outras.

Cuidadosamente lançou um trio de pedras de forma a tombarem ao longo do falso trilho que fizera, bem adiante dos cães humanos de Mara. O bater das pedras e o remexer das ramagens por onde passaram produziram berros de «Ali vai ele!» e outro comando de silêncio.

Erguendo uma pedra mais pesada, lançou-a com ambas as mãos de forma a embater solidamente no tronco de uma árvore altiva no ponto mais próximo da trilha, desalojando grandes pedaços de neve e de gelo. Ouviram-se gritos abafados de espanto, confusão e raiva dos atingidos, que deviam ter ficado enterrados a três quartos. Fafhrd sorriu, mas logo assumia uma expressão mais sombria ao penetrar na mata escura.

Desta vez não sentiu uma presença inimiga, e quer vivos quer falecidos, rochas ou fantasmas, sustiveram o ataque. Talvez Mor, sentindo que os homens de Mara iriam dar conta dele, tivesse suspenso os seus feitiços. Ou talvez... mas Fafhrd despojou-se de pensamentos e devotou-se totalmente ao avanço silencioso. Vlana e a civilização ficava adiante. A mãe e a barbárie atrás dele — mas tentou não pensar nela.

A NOITE ACERCAVA-SE QUANDO FAFHRD SAIU DA FLORESTA. TINHA-A atravessado da forma mais circular possível, encontrando-se agora perto da falésia do Desfiladeiro da Passagem dos Duendes. A correia do pacote comprido pesava-lhe ao ombro.

Havia luzes e sons de festa nas tendas dos mercadores. O Salão de Deus e as tendas dos actores mantinham-se às escuras. Mais perto ainda, a silhueta negra do estábulo impunha presença.

Silenciosamente, percorreu a gravinha gelada da Estrada Nova que conduzia a sul, para o desfiladeiro.

Apercebeu-se então de que os estábulos não estavam totalmente às escuras. Um brilho fantasmagórico movia-se lá dentro. Aproximou-se

da entrada com cautela e discerniu a silhueta de Hor que espreitava para o interior. Ainda em completo silêncio, colocou-se atrás dele e olhou-lhe por cima do ombro.

Vlana e Vellix atavam os cavalos deste último ao trenó de Essedine, de onde Fafhrd roubara os três foguetes.

Hor ergueu a cabeça, levou uma mão aos lábios e soltou o pio de uma coruja ou de um lobo.

Fafhrd desembainhou a faca, e preparando-se para cortar a garganta ao outro, inverteu o intento e a arma, e colocou-o inconsciente com um golpe do punho na têmpora. Agarrou-o na queda e afastou-o da entrada.

O par no interior montou no trenó, Vellix bateu com as rédeas nos cavalos e saíram para o exterior. Fafhrd apertou ferozmente a faca... depois guardou-a e encolheu-se nas sombras.

O trenó desapareceu na Estrada Nova. Fafhrd ficou a observá-lo, de pé, braços caídos como se os de um cadáver se tratasse, a não ser pelos punhos, cerrados como pedra.

Virou-se decidido e fugiu em direção ao Salão de Deus. Chegou--lhe aos ouvidos um pio de coruja vindo de detrás dos estábulos. Fafhrd escoregou na neve, até parar, voltou-se, as mãos ainda em forma de punhos.

Saídas do escuro, duas formas, uma empunhando fogo, corriam para o Desfiladeiro da Passagem dos Duendes. A mais alta era, sem dúvida, Hringorl. Detiveram-se na berma. Hringorl fez girar a tocha num círculo de chamas. A luz denunciou a presença de Harrax ao lado. Uma, duas, três vezes, como se a fazer sinais a quem estivesse a sul, no desfiladeiro. Voltaram a correr para o estábulo.

Fafhrd avançou para o Salão de Deus. Atrás dele, alguém soltou um berro. Parou e voltou-se de novo. Vindo do estábulo um cavalo enorme galopava a bom passo. Era cavalgado por Hringolr. Arrastava, agarrado a uma corda, um homem sobre esquis: Harrax. O conjunto afastou-se pela Estrada Nova num rodopio de neve. Fafhrd avançou até ter passado o Salão e estar a quase metade da distância para a Tenda das Mulheres. Largou o embrulho, abriu-o, retirou os esquis e montou-os nos pés. Depois retirou a espada do pai e atou-a na cintura, do lado esquerdo, colocando a bolsa à direita.

Depois encarou o Desfiladeiro da Passagem dos Duendes, com a Estrada Velha soçobrada. Ergueu os bastões dos esquis e enfiou-os na neve. O rosto era uma caveira, próprio de quem vai jogar com a morte.

Nesse instante, para lá do Salão, pelo caminho que tinha tomado, surgiu uma crepitação pequena e amarela. Parou para a observar, contando batimentos cardíacos, sem saber bem porquê. Nove, dez, onde... eis que surgiu uma explosão. O foguete ascendeu aos céus, a assinalar o

início do Espectáculo da noite. Vinte e um, vinte e dois, vinte e três... e a cauda apagou-se para dar lugar a nove súbitas estrelas brancas.

Fafhrd deixou cair os bastões, escolheu um dos três foguetes roubados, e puxou-lhe o rastilho, apenas com a força suficiente para limpar o alcatrão que o tapava sem o partir.

Segurando delicadamente entre os dentes o cordame fino coberto de alcatrão com o comprimento de um dedo, tirou o porta-fogos da bolsa. A pedra-espuma estava apenas morna. Desatou a abertura e afastou as cinzas até encontrar um brilho vermelho — e se queimar nele.

Tirou o rastilho de entre os dentes, colocou-o de forma a um dos lados tocar no porta-fogos e o outro no brilho vermelho. Começaram a soltar-se estalidos. Sete, oito, nove, dez, onze, doze — os estalidos tornaram-se num jacto de chamas e depois terminou. Colocando o porta-fogos na neve, pegou nos dois foguetes que restavam e segurou-os debaixo dos braços, enterrando-lhes as canas na neve, verificando se ficavam fixos no chão. As canas eram tão rígidas e fortes quanto bastões de esquí.

Segurou os foguetes alinhados com uma das mãos e soprou com força na brasa ardente do porta-fogos, aproximando-a dos dois rastilhos.

Mara surgiu do escuro e disse:

— Amor, estou tão contente que o meu povo não te tenha apanhado!

O ardor do porta-fogos iluminava a beleza do rosto dela. Encarando-a, Fafhrd anunciou:

— Vou abandonar o Canto Gélido. Vou abandonar a Tribo da Neve. Vou abandonar-te.

— Mas não podes — disse ela.

Fafhrd pousou os objectos. Mara estendeu as mãos. Ele tirou os braceletes de prata e colocou-os nas palmas dela.

Ela cerrou as mãos e chorou.

— Não peço isto. Não peço nada. És o pai do meu filho. És meu!

Fafhrd tirou a pesada corrente de prata do pescoço e pousou-a nos pulsos dela.

— Sim! Serás sempre minha e eu teu. O teu filho é meu. Não desposarei outra mulher no Clã da Neve. Estamos casados.

Levantara entretanto os foguetes e levou os rastilhos à brasa. Começaram logo a arder. Largou-os, fechou o porta-fogos e colocou-o na bolsa. Três, quatro...

Mor surgiu sobre o ombro de Mara e disse:

— Sou testemunha das tuas palavras, filho. Pára!

Fafhrd agarrou nos foguetes pelo corpo e lançou-se pela encosta abaixo com um violento empurrão. Seis, sete...

Mara berrou:

— Fafhrd! Marido!

E Mor:

— Filho meu, não!

Fafhrd acelerou com o uso dos foguetes. O ar frio batia-lhe no rosto. Mal o sentia. A ponta, iluminada pelo luar, indicava que o salto estava muito próximo. Além desta, a noite. Oito, nove...

Abraçou-se ferozmente aos foguetes, debaixo dos ombros, e voou sobre a escuridão. Onze, doze... os foguetes não dispararam. O luar mostrava a parede oposta do desfiladeiro que se aproximava dele. Os esquis apontavam para uma ponta mesmo por baixo do cume, e a ponta caía. Virou os foguetes para baixo e abraçou-se-lhes ainda com mais força.

Dispararam. Era como se se sustentasse em dois grandes pulsos que o puxavam para cima. Os ombros e os braços sentiam o calor. No clarão súbito, a parede rochosa parecia próxima, mas agora lá em baixo. Dezasseis, dezassete...

Aterrou suavemente na crista da neve que cobria a Estrada Velha e soltou-se dos foguetes. Sentiu um estrondo duplo, e estrelas brancas rodopiaram à sua volta. Uma atingiu-o na cara, torturando-o até morrer. Houve tempo para um grande pensamento alegre, *parto num estrondo de glória*.

Depois tinham-se acabado os pensamentos, pois dirigiu a atenção para a arte de esquiar pela encosta abrupta da Estrada Velha, ora iluminada pelo luar, ora negra como breu nas curvas, penhascos à direita, falésia à esquerda. Baixando-se e mantendo os esquis paralelos, conduziu usando as ancas. O rosto e as mãos entorpeceram-se. A Realidade constava apenas da Estrada Velha que se lançava contra ele. Pequenos ressaltos na estrada tornavam-se em rampas de lançamento. As bermas brancas aproximavam-se demasiado. As saliências negras da rocha eram ameaças. E mesmo assim, lá no fundo, moviam-se pensamentos. Mesmo enquanto forçava a atenção na condução dos esquis. *Palerma, devias ter agarrado no par de bastões com os foguetes. Mas como é que os seguravas quando te livrasses destes? No embrulho? Então agora não serviriam para nada. Pensas que o porta-fogos na bolsa te vai ser mais útil que os bastões? Devias ter ficado com Mara. Não vais encontrar outra beldade como ela na tua vida. Mas é Vlana quem tu queres. Ou não? Como, com a presença de Vellix? Se não fosses tão bonzinho e frio de coração, tinhas morto o tipo no estábulo, ao invés de correres para... Querias mesmo matar-te? E agora, o que é que pretendes? Os feitiços de Mor conseguirão ser mais rápidos que o teu esquiar? Seriam os pulsos do foguete na verdade os de Nalgron, saídos do Inferno? O que é aquilo ali adiante?*

Deu a volta a uma saliência volumosa na rocha. Apoiou-se no lado direito pois a berma branca à sua esquerda ficava mais estreita. A berma não soçobrou debaixo dele. Do outro lado do desfiladeiro, cada vez mais distante, descobriu um minúsculo traço de chamas. Hringorl ainda seguraria a tocha, enquanto galopava pela Estrada Nova arrastando Harrax? Fafhrd encostou-se de novo para a direita para contornar a curva apertada da Estrada Velha. O céu acelerava. Viver exigia ter de parar, mais adiante. Mas morrer ainda era uma forte aposta na conclusão do jogo. Adiante ficava a intersecção em que Estrada Nova e Velha se encontravam. Devia atingi-la ao mesmo tempo que Vellix e Vlana no trenó. Era essencial manter a velocidade. Mas porquê? Não sabia. Mais curvas o esperavam.

A inclinação foi endireitando por avanços infinitesimais. Cimos de arvoredo cobertos de neve surgiam das profundezas sinistras — à esquerda — e tapavam o céu do outro lado. Voava num túnel negro e sem relevo. O progresso tornou-se silencioso como o de um espírito. Travou até se deter no final deste túnel. Os dedos estavam dormentes ao tocar na ferida da bochecha provocada pelo nascimento da estrela. Traços de gelo partiram-se delicadamente no interior.

Não se ouvia nenhum som além do ténue tinir dos cristais que se multiplicavam no ar parado e húmido.

Cinco passos adiante, numa encosta próxima, encontrava-se um arbusto-rolante coberto de neve. Por detrás dele escondia-se um dos braços direitos de Hringorl: Hrey — era impossível confundir a barbicha pontiaguda, embora a cor ruiva se mostrasse cinzenta ao luar. Na mão esquerda segurava um arco robusto. Uma dúzia de passos mais à frente ficava a encruzilhada das Estradas. O túnel que seguia para sul através das árvores estava bloqueado por um par destes arbustos-rolantes, mais altos que um homem. O trenó de Vellix e Vlana tinha parado junto dos mesmos, os cavalos como grandes vultos. O luar banhava de prata cavalos e arbustos. Vlana continuava sentada no trenó, a cabeça coberta pelo capuz de pele. Vellix tinha descido e empurrava os arbustos para fora do trilho. A luz de uma tocha surgiu na descida da Estrada Nova vinda do Canto Gélido. Vellix parou o que estava a fazer e sacou da espada. Vlana olhou por cima do ombro.

Hringorl vinha a galopar acompanhado de um grito de triunfo, e lançando a chama bem alto no ar, puxou as rédeas para que o cavalo parasse atrás do trenó. O esquiador na sua esteira — Harrax — passou por eles e ainda subiu até meio da encosta, onde travou e começou a desatar os esquis. A tocha tombou e apagou-se com um silvo.

Hringorl desmontou, machado de combate já nas mãos.

Vellix correu em direcção a Hringorl. Tinha já percebido que precisava de derrubar o pirata mais encorpado antes de Harrax conseguir libertar-se dos esquis ou teria de combater dois ao mesmo tempo. O rosto de Vlana era uma máscara pequena e branca iluminada pela lua, meio erguida no assento para observar os acontecimentos. O capuz caiu-lhe da cabeça.

Fafhrd poderia ter ajudado Vellix, mas ainda não tinha sequer tentado tirar os esquis. Com pesar — ou seria alívio? — lembrou-se que deixara para trás o arco e flechas. Pensou que devia ajudar o homem. Não tinha percorrido todo este caminho, sujeito a um risco considerável, para salvar o Aventureiro e Vlana, ou pelo menos avisá-los da emboscada de que suspeitara desde que vira Hringorl agitar a tocha na berma do precipício? E não se parecia Vellix com Nelgron, agora mais do que nunca neste momento de bravura? Mas o fantasma da morte continuava a par com Fafhrd, inibindo-o de agir.

Além disso, Fafhrd suspeitava que a clareira estava sob um feitiço, tornando inútil o que acontecesse no interior. Como se uma aranha gigante, de pele branca, tivesse tecido uma teia em seu redor, encerrando-a do resto do universo, tornando-a num volume onde se inscrevia «Este espaço pertence à Grande Aranha da Morte», mesmo que não tecesse seda mas cristais — o resultado era o mesmo.

Hringorl rodou o machado na direcção de Vellix. O Aventureiro desviou-se e contra-atacou com um golpe de espada dirigido ao antebraço do oponente. Soltando um rugido de raiva, Hringorl passou o machado para a mão esquerda, avançou e atacou de novo.

Apanhado de surpresa, Vellix mal conseguiu recuar a tempo de não ser atingido pela curva sibilante de metal que brilhava ao luar. Contudo, pôs-se logo em guarda, vendo Hringorl avançar com mais determinação, machado nas mãos, pronto a desferi-lo.

Vlana ergueu-se no trenó, aço a brilhar nas mãos. Mostrou intenção de atirá-lo, mas parou, insegura.

Hrey ergueu-se do arbusto em que se escondia, flecha retesada no arco.

Fafhrd podia tê-lo abatido, lançando a espada como uma lança, se não pudesse de outra forma. Mas o sentimento da morte ao seu lado continuava a paralisá-lo, bem como a sensação de estar na imensa armadilha uterina da Grande Aranha do Gelo. Além do mais, que sentia a respeito de Vellix, ou mesmo Nelgron?

O arco cantou. Vellix deteve a esgrima, transfigurado. A flecha atingira-o nas costas, ao lado da espinha, e saía-lhe pelo peito, mesmo abaixo do esterno.

Com um golpe do machado, Hringorl tirou a espada das mãos do moribundo que tombava. Soltou mais uma das risadas sonoras e roucas. Virou-se para o trenó. Vlna gritou.

Sem se ter apercebido, Fafhrd desembainhara já a espada oleada e, usando-a como bastão, empurrou-se pela encosta branca. Os esquis saltaram um som muito ligeiro, embora agudíssimo, na crosta da neve.

A morte já não estava a seu lado. Morava dentro dele. Eram os pés dela que iam presos aos esquis, a armadilha da Grande Aranha era a sua casa .

Hrey virou-se no momento oportuno para a lâmina de Fafhrd lhe abrir um dos lados do pescoço num golpe que cortou a traqueia bem como a jugular. A espada não chegou a ficar húmida do jorro imediato de sangue, negro ao luar, soltando-se ainda antes de Hrey lançar futilmente as mãos para parar o fluxo. Acontecera tão facilmente. Fora impelido pelos esquis, pensou Fafhrd, não fora ele. Eram os esquis que tinham vida própria, neste caso a vida da morte, e que o conduziam a um destino fatídico.

Também Harrax, como se marioneta dos deuses, terminara de desatar os esquis e endireitado, virou-se no momento em que Fafhrd se lançava contra ele, vindo de uma posição mais baixa, para o cortar no cimo da barriga, no mesmo lugar em que Vellix recebera a flecha, mas no seu caso do lado oposto.

A espada raspou contra a espinha de Harrax, mas acabou por sair facilmente. Fafhrd apressou-se pela encosta abaixo sem mais delongas. Harrax ficou a vê-lo de olhos esbugalhados. A enorme boca do brutamontes também estava aberta, mas em silêncio. Era possível que o golpe lhe tivesse cortado um pulmão e o coração também, ou algumas artérias comunicantes.

E agora a ponta da espada de Fafhrd procurava as costas de Hringorl, que se precipitava para o trenó, e os esquis aproximavam a lâmina sangrenta cada vez mais depressa.

Vlna olhou para Fafhrd por cima do ombro de Hringorl, como se encarasse a aproximação da própria morte, e gritou.

Hringorl virou-se e levantou de imediato o machado para desviar o golpe da espada. O rosto apresentava a expressão alerta embora melancólica de quem já encarou a morte tantas vezes que já não se surpreende pela aparição da Grande Assassina.

Fafhrd travou e virou-se, a pressa desaparecendo, de forma a passar pela parte de trás do trenó. A espada procurou a forma de Hringorl sem conseguir atingi-lo. Tinha desviado o ataque do machado do opo-  
nente.

Fafhrd viu, então, o corpo de Vellix caído por terra. Fez uma volta de ângulo recto, parando de imediato, utilizando até a ajuda da espada contra a neve, de modo que soltou fagulhas ao raspar a pedra do chão para evitar cair sobre o morto.

Girou sobre si mesmo, na medida em que as pernas presas aos esquis lhe permitiam, a tempo de ver Hringorl lançar-se sobre si, machado apontado ao pescoço do jovem.

Fafhrd apanhou o golpe com a espada. Em ângulo recto contra a curva do machado, a lâmina devia ter sido destroçada, mas ele manteve-a no ângulo correcto que desviou o machado com um guincho de metal, passando sobre a sua cabeça.

Hringorl, lançado, passou por ele. Fafhrd girou de novo o corpo, amaldiçoando os esquis que lhe prendiam os pés à terra. O ímpeto chegou tarde demais para atingir o oponente.

O outro homem, mais pesado, virou-se e correu com novo lançamento de machado preparado. Fafhrd só conseguiu escapar porque se atirou por terra de imediato.

Pelo canto do olho sentiu passar dois golpes de aço. Usando a espada, ergueu-se, pronto para atacar novamente, ou desviar-se se tivesse tempo.

O grandalhão deixara cair o machado e agarrava o seu próprio rosto.

Com uma passada lateral meio trapalhona por causa do esqui — não havia tempo para fazê-lo com estilo! — Fafhrd trespassou-lhe o coração. Hringorl deixou cair as mãos ao inclinar-se para trás. Do olho direito protuberava o cabo negro e a lâmina prateada de um punhal. Fafhrd libertou a espada. Hringorl tombou na neve com um baque surdo, levantando um pequeno remoinho, contorceu-se violentamente duas vezes e ficou imóvel.

Fafhrd baixou a espada e olhou em volta. Estava pronto para mais um ataque, por quem quer que fosse. Mas nenhum dos cinco corpos se mexia — os dois a seus pés, os dois estendidos na encosta, nem o de Vlna, de pé no trenó. Com surpresa, percebeu que o respirar pesado que escutava era o dele. Não havia outro som, a não ser um tilintar longínquo que decidiu ignorar. Até os cavalos de Vellix, ainda amarrados ao trenó, e o corcel portentoso de Hringorl, mais acima na Estrada Velha, se mantinham estranhamente silenciosos.

Encostou-se no trenó, descansando o braço esquerdo na cobertura da lona que tapava os foguetes e o resto do material. A mão direita ainda segurava a espada, apontada ao chão, preparado embora parecesse negligente.

Inspeccionou de novo as figuras, acabando na de Vlana. E ainda nenhuma se tinha mexido. Os primeiros quatro jaziam numa mancha de neve coberta de sangue, avantajadas para Hrey, Harrax e Hringorl, pequena para Vellix abatido pela flecha.

Fixou o olhar nos olhos vítreos e brancos de Vlana. Controlando a respiração, disse:

— Agradeço-te por teres tratado de Hringorl. Talvez. Duvido que tivesse levado a melhor, ele de pé e eu de costas. Mas o teu punhal destinava-se a Hringorl ou às minhas costas? E será que escapei à morte porque me lancei por terra e o punhal encontrou outro alvo?

Ela não proferiu palavra. Ao invés disso as mãos ergueram-se para tapar o rosto e lábios. Continuou a olhar, por cima dos dedos, para ele.

Ele continuou, a voz ainda mais casual:

— Preferiste Vellix, mesmo depois de me teres feito uma promessa. Porque não Hringorl ao invés de Vellix (e de mim) uma vez que seria ele o vencedor óbvio? Porque não ajudaste Vellix com o teu punhal enquanto lutava tão corajosamente contra Hringorl? Porque gritaste quando me viste, estragando a minha hipótese de derrubar Hringorl com um golpe silencioso?

Deu ênfase a cada questão com a ponta da espada apontada na direcção dela. Conseguia respirar melhor agora, pois o cansaço desaparecia-lhe do corpo, embora uma profunda depressão lhe enchesse o espírito.

Vlana baixou as mãos lentamente e engoliu em seco duas vezes. Depois falou numa voz áspera mas nítida e não muito alta:

— Uma mulher tem de manter todas as vias abertas, não entendes? Só estando pronta para se aliar a qualquer homem, e trocá-lo por outro consoante a sorte exija, pode a mulher começar a contrariar a vantagem dos homens. Escolhi Vellix ao invés de ti porque a experiência dele era maior e porque (acredita ou não, como queiras) não creio que um companheiro meu consiga ter uma vida comprida, e eu queria que vivesses. Não ajudei Vellix na luta porque pensei que ambos estivéssemos condenados. O bloqueio na estrada e saber que devia ser uma emboscada fizeram-me acobardar... embora Vellix não parecesse sentir. Quanto ao meu grito, é porque não pensei que fosses tu, mas a própria morte.

— Se calhar até era — comentou Fafhrd suavemente, olhando mais uma vez para os cadáveres. Tirou os esquis. Depois de bater com os pés no chão, ajoelhou-se junto a Hringorl e retirou-lhe o punhal do olho, limpando a lâmina nas peles que o morto envergava.

— E eu temia mais a morte do que odiava Hringorl — continuou

ela. — Sim, teria fugido contente com ele se conseguisse evitar ser morta.

— Pois ele dirigia-se para o lado errado desta vez — comentou Fafhrd, sopesando o punhal. Tinha o peso e constituição certas para atirar ao longe.

— Agora claro que sou tua. Ansiosa e alegremente, mesmo se não acreditares. Se me quiseres. Talvez ainda penses que tentei matar-te.

Fafhrd virou-se para ela e atirou-lhe o punhal.

— Apanha — e ela apanhou-o. Ele riu-se.

— Não, uma actriz que já tenha sido ladra sabe como atirar punhais e facas. E duvido que tivesse atingido o olho de Hringorl e se lhe tivesse espetado no cérebro por acidente. Ainda tens em mente vingar-te da Guilda dos Ladrões?

— Tenho — disse ela.

— As mulheres são terríveis — disse ele. — Ou seja, tão terríveis como os homens. Haverá alguém no mundo que tenha mais que água gelada nas veias?

E riu-se de novo, com mais vontade ainda, sabendo que não haveria resposta a esta pergunta. Depois limpou a espada nas peles de Hringorl, enfiou-a na bainha, e sem olhar para Viana passou por ela e pelos cavalos silenciosos e dirigiu-se para os arbustos-rolantes, que acabou por retirar do caminho. Estavam colados pelo gelo um ao outro, e foi preciso puxar e revirar para os soltar, lutando contra eles muito mais do que Vellix teve de fazer.

Viana também não o olhou, mesmo quando passou por ela. Olhava o cimo da encosta e o trilho de esquis sinuoso, onde terminava a boca negra do túnel da Estrada Velha. O seu olhar branco não fixava Harrax nem Hrey nem o túnel, mas mais acima.

Ouvia-se um tilintar que não queria parar.

Depois ouviu-se um quebrar de cristais, e era Fafhrd, que libertava e atirava para o lado o último dos arbustos cobertos de gelo.

Olhou para a estrada descendente que conduzia a sul. Para a civilização, o que quer que restasse dela.

A estrada formava também um túnel, ladeada por pinheiros encurvados pela neve.

E estava coberta, como mostrava o luar, com uma teia de cristais que parecia não ter fim, fiadas de gelo que uniam ramos dos dois lados, troncos dos dois lados, numa sucessão de camadas geladas.

Fafhrd lembrou-se das palavras da mãe, *Existe um frio traiçoeiro, que te consegue seguir por toda a parte em Nehwon. Onde o frio outrora esteve, pode voltar a estar, pela feitiçaria. O teu pai arrepende-se amargamente, agora.*

Lembrou-se da grande aranha branca a tecer uma armadilha gelada ao redor da clareira.

Viu o rosto de Mor, ao lado de Mara, no cimo do precipício, do outro lado do grande salto.

Gostaria de saber que lengalenga estaria a ser cantada naquele momento na Tenda das Mulheres, e se Mara as acompanhava. Supunha que não.

Vlana soltou um grito suave.

— As mulheres são mesmo terríveis. Olha. Olha. Olha!

Nesse instante a montada de Hringorl soltou um relincho sonoro. Fugiu pela Estrada Velha num bater de cascos.

Um instante depois foi a vez dos cavalos de Vellix se agitarem.

Fafhrd atingiu o pescoço do cavalo mais próximo com o braço. Depois olhou para a máscara branca e triangular onde estava o rosto de Vlana, pequeno e de olhos esbugalhados, e seguiu-lhe o olhar.

Surgindo da encosta que conduzia à Estrada Velha, notava-se meia dúzia de formas ténues, altas como árvores. Assemelhavam-se a mulheres encapuçadas. Tornaram-se mais sólidas à medida que Fafhrd observava.

Agachou-se cheio de terror. O movimento comprimiu a bolsa à cintura contra a barriga. Sentiu um calor difuso.

Ergueu-se num salto e correu pelo caminho que tomara na vinda. Arrancou a cobertura da parte de trás do trenó. Agarrou nos oito foguetes que restavam, um por um, e enterrou a cana de cada na neve de forma a que as cabeças apontassem para as figuras de neve gigantes e ameaçadoras.

Depois alcançou a bolsa, tirou o porta-fogos, desapertou a abertura, sacudiu as cinzas cinzentas, afastou para o lado as cinzas vermelhas, e acendeu com elas os rastilhos dos foguetes com rápida destreza.

O crepitar múltiplo soou-lhe aos ouvidos ao montar o trenó.

Vlana não se mexeu quando ele lhe tocou. Mas retiniu. Parecia ter ganho um manto translúcido de cristais de gelo que a mantinham fixa onde estava. O luar era reflectido por eles. Só se moveriam se a Lua se movesse, pensou ele.

Agarrou nas rédeas. Morderam-lhe as mãos como ferro congelado. Não era capaz de as sacudir. A teia de gelo também se instalara ao redor dos cavalos. Eram parte dela — grandes estátuas equídeas encerradas num cristal gigante. Um ficara imóvel sobre as quatro patas, outro apenas sobre duas. As paredes do útero gelado fechavam-se. *Existe um frio traiçoeiro que te pode seguir...*

O primeiro foguete disparou, depois o segundo. Sentiu-lhes o ca-

lor. Ouviu o rachar sonoro ao embaterem nos alvos no cimo da encosta.

As rédeas mexeram-se, batendo nos costados dos animais. Ouviu-se um quebrar vítreo ao saírem a correr. Baixou a cabeça e, segurando as rédeas na mão esquerda, levantou a direita e puxou Vlana para o assento. O manto de gelo rodopiou violentamente e desapareceu. Quatro, cinco...

Sentiram que atravessavam uma teia de neve que os cavalos rompiam diligentemente. Cristais caíam na cabeça baixa de Fafhrd. A teia começou a desaparecer. Sete, oito...

Todas as restrições de gelo tinham sido levantadas. Os cascos soavam com força. A nortada levantava-se pondo fim ao tempo calmo. Mais adiante o céu mostrava o tom rosado da madrugada. Por detrás, estava ligeiramente vermelho do fogo gelado de pinheiros iluminados por foguetes. Parecia a Fafhrd que a nortada trouxera o bramido das chamas.

— Gnamph Nar, Mlurg Nar, a grande Kvarch Nar, vamos vê-las a todas! Todas as cidades da Terra da Floresta! Toda a Terra das Oito Cidades!

Ao lado dele, Vlana aquecia-se no calor do abraço e acompanhava-o com:

— Sarheenmar, Ilthmar, Lankhmar! Todas as cidades do sul! Quarmall! Horbor-ixen! Slimspired Tisilinilit! A Terra Nascente!

Parecia a Fafhrd que miragens de todas essas cidades e lugares desconhecidos enchiam o horizonte matinal.

— Viagem, paixão, aventura, o mundo! — berrou, estreitando Vlana contra si com o braço direito enquanto o esquerdo impelia as rédeas nos cavalos.

E contudo, perguntou-se a si mesmo, se a imaginação o incendiava com um fogo idêntico ao dos foguetes sobre o desfiladeiro, porque que razão continuaria tão frio o seu coração.